



NOVO CINEMA



COREANO

A POTÊNCIA DAS NARRATIVAS MODERNO-TRADICIONAIS



BÁRBARA MORE

BÁRBARA MORE

NOVO CINEMA



COREANO

A POTÊNCIA DAS NARRATIVAS MODERNO-TRADICIONAIS



PUC-SP

2024

Orientação

Prof^a José Salvador Faro

Revisão

Sônia Maria Coelho

Diagramação

Bárbara More

MORE, Bárbara. **Novo Cinema Coreano: A
potência das narrativas moderno-tradicionais.**
São Paulo. Pontifícia Universidade Católica de São
Paulo. 2024.

120 pgs 14x21 cm

1. Livro-reportagem, 2. Jornalismo Literário, 3.
Cinema, 4. Coreia do Sul, 5. Novo cinema coreano,
6. Soft Power, 7. Cultura.

Esta obra é resultado do Trabalho de Conclusão de
Curso apresentado à Pontifícia Universidade
Católica de São Paulo como requisito final para a
conclusão do curso de Jornalismo, orientada pelo
professor José Salvador Faro. [2024]

*Para os que se atrevem a viajar o mundo através
das telas e enxergá-lo por novas lentes, livres de
fronteiras e despidos de preconceitos.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO - A ASCENSÃO DE UMA POTÊNCIA	9
ESTAÇÃO I - TRAUMA PÓS-COLONIAL.....	13
ESTAÇÃO II - HISTÓRIAS NARRADAS DE TEMPOS VIVIDOS	21
ESTAÇÃO III - HALLYU WAVE.....	25
ESTAÇÃO IV - A PALAVRA É K-DRAMA	33
ESTAÇÃO V- UM MERGULHO EM ÁGUAS PACÍFICAS ...	41
ESTAÇÃO VI - O FLORESCIMENTO DA SÉTIMA ARTE ...	46
ESTAÇÃO VII - NOVO CINEMA COREANO	62
ESTAÇÃO VIII - A BELEZA DA DIVERSIDADE.....	94
ESTAÇÃO IX - O FINAL É APENAS O COMEÇO	106
AGRADECIMENTOS	111
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	115

INTRODUÇÃO

A ASCENSÃO DE UMA POTÊNCIA

Para entender como a Coreia do Sul chegou até o cenário atual de potência asiática e uma das maiores produtoras de conteúdos audiovisuais, é necessário embarcar em um trem nos levando em uma viagem até o passado. Não há como compreender a evolução socioeconômica do país sem antes buscar as raízes das transformações pelas quais ela passou desde que começou a ter contato com nações ocidentais e passou por grandes destruições relacionadas a guerras, colonização e imperialismo. Ouso dizer que a primeira estação em que precisamos parar é o ano de 1910, que funcionará como um pequeno posto de informação. Nos próximos parágrafos, tentarei condensar os conflitos mais importantes do século XX para contextualizar a situação socioeconômica em que nossa jornada começa.

A Coreia emergiu como um dos principais palcos da Guerra Fria, sofrendo profundamente com as tensões entre os blocos capitalista e socialista. A colonização japonesa entre 1910 e 1945 deixou a península coreana sem governo próprio. No entanto, o cenário mudou drasticamente após o colapso do Império Japonês e o término da Segunda Guerra Mundial.

Seguindo em frente, vamos até a década de 1950, quando grandes mudanças marcaram o início de uma nova era. Na Conferência de Potsdam, os Estados Unidos, a União Soviética e o Reino Unido se reuniram para decidir o destino da Coreia. O resultado foi a divisão do país ao longo do paralelo 38, com o norte sob influência soviética e o sul sob influência americana. Essa divisão, destinada inicialmente a facilitar a administração do país após a retirada japonesa, logo se tornou um ponto de tensão ideológica, culminando na Guerra das Coreias e resultando na morte de milhões de pessoas. Embora uma trégua tenha sido estabelecida em 1953, o conflito nunca acabou e possui consequências até hoje.

Os embates presentes no país e no mundo tiveram reflexos em toda esfera da Coreia do Sul. A economia estava abalada e a crise na Ásia aumentava, o país estava machucado e afundando. Como alternativa, o governo começou a criar programas de incentivo às famílias mais ricas do país a investirem em agrupamentos

industriais¹, e, em simultâneo, recebeu ajuda econômica do Japão e dos EUA na forma de assistência técnica; fator imprescindível para o crescimento do país, que até o momento possuía uma economia baseada na agricultura, revelando um notável dinamismo industrial com o passar dos anos.

Os capítulos seguintes não serão mais postos de informação, mas sim estações, pois precisaremos enfrentar uma longa viagem de trem, atravessando o globo em busca de informações sobre o fenômeno da ascensão sul-coreana. Recomendo que embarque sem bagagens, para poder adquirir conhecimentos ao longo do caminho. Me considere uma guia, pois ao longo das páginas entrarei em detalhes mais aprofundados sobre como a colonização japonesa causou danos irreversíveis na Coreia, que conquistou a liberdade, mas ainda assim não conseguia deixar de ter pesadelos com seu passado. Colonialismos e governos autoritários estão presentes nas histórias dos mais diversos países ao redor do globo, o Brasil incluso. No caso da Coreia, estamos falando de um povo de cultura milenar, com reinados seculares e idioma unificado que não se viu apenas no lugar de colônia de exploração, mas precisou viver como japoneses por opressão do

¹ Entenda como a Coreia do Sul passou da miséria à potência tecnológica. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/o-futuro-das-cidades/2015/noticia/2015/12/entenda-como-coreia-do-sul-passou-da-miseria-potencia-tecnologica-.html#:~:text=O%20governo%20iniciou%20programas%20para,a%20economia%3A%20LG%20e%20Samsung>. Acesso em: 05 maio 2024

Império. De repente o coreano não tinha mais seu idioma, suas músicas, suas danças, sua literatura, seu emprego ou sequer seu nome.

Foram décadas de lutas para ressignificar sua história, resgatar tradições perdidas, fortalecer laços e empoderar traços culturais. O país saiu Segunda Guerra Mundial, foi vítima da Guerra Fria, passou pela Guerra das Coreias, teve governos ditatoriais e apenas no final do século XX conseguiu respirar ar fresco pela primeira vez com a chegada da democracia. A nação foi de pobreza extrema à fundação de multinacionais como Samsung, KIA, LG, Hyundai e outras. Estamos falando de um país que vai muito além do “universo mágico dos *K-Dramas*²”, então recomendo que você, meu caro leitor, observe bem as paisagens desta viagem de trem e fique atento às histórias que serão contadas.

² Quando utilizamos termos que se referem a produtos da Coreia do Sul, colocamos o prefixo “K”, que representa a inicial da palavra em inglês “*korean*”, que significa “*coreano*”. Apesar do uso não ser obrigatório, é a melhor e mais indicada forma de escrever os termos. O mesmo ocorre com produtos chineses, que recebem o prefixo “C”; e os japoneses, que utilizam o “J”.

ESTAÇÃO I

TRAUMA PÓS-COLONIAL

A Coreia do Sul ainda carrega vestígios da ocupação japonesa, que ocorreu entre os anos de 1910 e 1945. Ao longo de 35 anos, a nação teve que se render ao império do Japão e se curvar perante suas normas e costumes, lutando para conseguir manter viva a cultura nacional enquanto enfrentavam fortes repressões e censuras. Esta estação é onde começa a linha que nosso trem percorrerá. Por se tratar de um trajeto inicial, ela não apresentará belas paisagens, mas será tomada por um cenário desolado por opressão e guerras. Adentraremos esta viagem com uma curta aula de história. Imagine que você está na Coreia do Sul durante a primeira metade do século XX e passa por um dos momentos mais dolorosos de sua história.

Os japoneses baniram o ensino do idioma coreano e da história nacional ao mesmo tempo em que queimaram diversos documentos históricos e destruíram patrimônios na tentativa de transformar a Coreia do Sul em uma extensão do Japão, fazendo com que ela fosse mais do que apenas uma colônia. Desta forma, os coreanos se viram obrigados a adotar nomes japoneses, falar japonês em locais públicos e escolas, trabalhar para o império japonês e servir suas necessidades durante o processo de niponização do território. Mulheres chegaram a ser retiradas de suas famílias e entregues à prostituição para satisfazerem os colonizadores, enquanto homens adotavam empregos no novo governo para sobreviver. Colheitas de arroz chegaram a ser tomadas da população para poder abastecer o império e os coreanos possuíam apenas uma fração dos direitos de cidadania concedidos aos japoneses³.

Eu pessoalmente, considero que um idioma é muito mais do que apenas a língua de um povo. Pensemos no português, o que faríamos se um dia fosse decidido que ele nunca mais seria permitido no Brasil? Todas as palavras que você aprendeu a usar para definir seus sentimentos e expressar ideias já não se encaixam mais. Por mais que tente usar um segundo idioma, nunca parece que consegue transmitir o que seu coração está

³ Data marca a libertação da Península Coreana do domínio japonês. Disponível em: <https://www.fflch.usp.br/35798> Acesso em 4 set. 2024

dizendo. Você conheceu o mundo em português, aprendeu a contar, a dizer seu nome, aquele que seus pais com tanto carinho escolheram, decorou músicas que ressonam em sua alma e descobriu a dor da saudade. Saudade, uma das poucas palavras que não tem tradução. Como definir a saudade em outro idioma? Como se definir em outro idioma? Como contar quem eu sou, se meu nome foi tirado de mim? Foi assim que os sul-coreanos se sentiram. Eles não perderam apenas um idioma, perderam suas identidades. Um idioma é a manifestação oral de uma cultura e a forma como a alma de um povo se comunica.

Diversas fases marcaram a ocupação, sendo uma mais opressiva do que a outra. Muitas tentativas de movimentos de independência foram realizadas, mas todas sem sucesso. No dia 1º de março de 1919, por exemplo, aconteceu o primeiro levante pela independência do domínio japonês. Na data, que se tornou um dos principais feriados da Coreia do Sul, uma série de manifestações pacíficas pediam liberdade. A população passava por períodos sombrios e, documentos da época, relataram que a escolha do Japão de proibir o ensino de coreano nas escolas era uma ação filantrópica que servia não apenas como meio de comprovar o sucesso da absorção de uma nação, como também vinha para “civilizar” a população. Houve momentos radicais em que diversas medidas impostas sob o território excluíram e segregavam os coreanos. O cenário de opressão em que se

encontravam fez com que eles se empenhassem em atividades de resistência.

Em 18 de janeiro de 1919, aconteceu a Conferência de Paz de Paris, aberta para definir condições aos países derrotados na Primeira Guerra Mundial. Nela, a Coreia tentou conseguir apoio para levantar a questão de sua independência do Japão, mas acabou falhando e seguiu com seu status de colônia. O último rei da Dinastia Joseon morre pouco tempo depois, em 21 de janeiro de 1919, e os coreanos seguem com o coração em chamas, clamando pela libertação das garras do império nipônico e com a lembrança de que o monarca defendia a soberania de sua nação. Outro fator que teria abalado o país, seria um rumor de que o rei supostamente morreu envenenado por japoneses⁴.

Quando a Segunda Guerra Mundial tem seu início em 1939, o exército japonês mobiliza milhões de coreanos para apoiá-lo e os força a trabalhar em funções perigosas e com condições extremamente precárias. É neste momento que oficiais do Japão sequestram milhares de meninas e mulheres para trabalharem

⁴ *Vozes da rebelião: o surgimento do Dia do Movimento pela Independência coreana (3.1 절 칼럼)* Disponível em: <https://revistakoreain.com.br/2021/03/vozes-da-rebeliao-o-surgimento-do-dia-do-movimento-pela-independencia-coreana/> Acesso em 4 set. 2024

forçadamente em bordéis para servirem como "mulheres de conforto" (escravas sexuais) e serem estupradas por soldados.

O livro *New Korean Cinema* (CHI-YUN SHIN e JULIAN STRINGER, 2005) relata como era a relação dos coreanos com a cultura no período colonial. No capítulo *Contemporary Cultural Production in South Korea: Vanishing Meta-Narratives of Nation*, o autor Michael Robinson cita que os coreanos nunca abandonaram totalmente sua identidade étnica. Segundo ele, o colonialismo promove a adoção das normas culturais do colonizador, ao mesmo tempo em que perpetua a discriminação fundamentada na profunda divisão étnica entre o dominador e o dominado.

“O sucesso dos japoneses de reunir a participação de coreanos de classe média na vida colonial não impediu a criação de um corpo significativo de formação cultural nacionalista coreana”, escreve Robinson.

Com o início da Segunda Guerra Mundial, a situação começou a mudar, dado o envolvimento do Japão. Quando aconteceu o ataque em Pearl Harbor no ano de 1941, o império já havia decidido banir publicações no idioma coreano e forçado os colonizados a adotarem sobrenomes japoneses para perpetuar a narrativa de que sua colônia era parte do território do Japão.

Apesar de terem enfrentado um longo e doloroso período marcado por muitas lutas e movimentos de independência, sua liberdade chegou devido à derrota do Japão na guerra, que se viu obrigado a abdicar de suas colônias em 1945. A falta de um pedido de desculpas por parte do país ou uma atitude de assumir a responsabilidade por seus atos causou imenso rancor nos coreanos, que nunca conseguiram superar a devastação do período de ocupação japonesa.

Pode ter se passado quase 80 anos desde a independência, mas os sul-coreanos ainda lutam para resgatar tradições, reafirmar seus próprios costumes, fortalecer produções nacionais e combater tentativas de apagamento cultural. Um exemplo disso é que em 2020, quando os Jogos Olímpicos de Verão foram sediados no Japão, surgiu um movimento na Coreia do Sul que pedia a proibição da bandeira imperial japonesa. Alguns políticos na época chegaram a compará-la à suástica nazista. Uma matéria da BBC⁵ escrita pelo jornalista Andreas Illmer explicando o motivo do repúdio ressalta que a justificativa usada por eles foi a de que o símbolo do sol nascente, levado por torcedores, buscava “romantizar ou apagar da história as violações de direitos humanos cometidos por tropas japonesas no passado”. Porém,

⁵ Tóquio 2020: o movimento que pede a proibição da bandeira imperial do Japão na Olimpíada. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-51005924> Acesso em 03 jun. 2024

organizadores do evento teriam argumentado que a bandeira é “amplamente usada” no país e não representava uma “manifestação política”.

A problemática disso é que o sol nascente estampava as bandeiras usadas por militares japoneses nos séculos XIX e XX, época da colonização. Posteriormente, ela se tornou símbolo da Marinha e continua sendo até hoje. Na Coreia do Sul, a imagem é fortemente repudiada, pois faz referência a tempos sombrios de forte repressão, opressão, crimes de guerra e apagamento cultural.

À BBC, a pesquisadora e especialista em Coreia, Ellen Swicord, explicou que a bandeira é “uma das várias queixas sul-coreanas sobre a suposta inabilidade do Japão – ou falta de vontade – de assumir a responsabilidade por transgressões coloniais”.

Atualmente, outra batalha enfrentada pela Coreia do Sul é a luta contra o uso errôneo da palavra “dorama” para se referir às séries sul-coreanas e/ou asiáticas no geral. O termo vem da pronúncia japonesa para “drama” e, por conta disso, não deveria ser usado para descrever todas as produções do leste asiático como se fossem produtos homogêneos. Em algumas das estações desta viagem, desembarcaremos no universo dos *K-Dramas* e entenderemos o motivo de o termo “dorama” ter levado a Associação Brasileira de Coreanos a emitir uma nota de repúdio.

Antes disso, ainda precisaremos passear por outros pontos importantes do desenvolvimento da Coreia do Sul.

Peço, mais uma vez, que se coloque no lugar dos sul-coreanos. Você tem uma cultura milenar e já teve diversos embates territoriais com nações à sua volta, mas certo dia o império japonês invade seu país e o transforma funcionando como uma extensão do território do Japão. A devastação ocorre de forma brutal em apenas três décadas, sem que houvesse sequer tempo para conseguir processar o que estava acontecendo. Você vê suas ruas sendo tomadas, sua cultura sendo apagada e seu idioma sendo proibido. Quando todo o inferno termina, as tropas apenas vão embora porque outras nações decretaram que o império havia perdido a Segunda Guerra Mundial e deveria se retirar de suas colônias. Não há pedido de desculpas ou reconhecimento da destruição. Você não guardaria mágoa? Você não ficaria ofendido ao ser comparado ao país que te oprimiu? Você não gostaria de preservar sua individualidade e proteger sua cultura com todas as suas forças? Se no Brasil ainda não esquecemos dos estragos que Portugal causou, como os sul-coreanos esqueceriam do Japão?

ESTAÇÃO II

HISTÓRIAS NARRADAS DE TEMPOS VIVIDOS

Nesta estação, faremos uma pequena pausa em nossa jornada para ouvir relatos de Claudio Lee, que nasceu no Brasil e é filho de imigrantes sul-coreanos. Ainda mantendo forte vínculo com a cultura de sua família, ele fala o idioma e viaja anualmente para a Coreia do Sul. Aqui permito que saibam um pouco de como consegui montar o nosso roteiro e de onde surgiu este pacote de viagem. Enquanto pesquisava sobre a ocupação japonesa, mandei mensagens a Claudio e confessei que estava surpresa com a opressão exercida pelo império na colônia, uma vez que nas aulas de história que tive na escola nunca cheguei a receber informações aprofundadas sobre países asiáticos.

Enquanto há grande enfoque na Europa, acabei vendo a China de forma muito breve e apenas sabia que o Japão fez parte da Segunda Guerra Mundial. Meus conhecimentos eram muito limitados e a cada descoberta me vinha uma infeliz surpresa. Como era possível que eu havia criado uma visão tão errada sobre a Coreia do Sul? Precisei, primeiro, admitir a minha ignorância e encará-la como uma oportunidade de estar totalmente aberta para receber informações novas. Sem a intenção de entrevista, tive o impulso de mandar mensagem para Claudio, que costumava estudar Fonoaudiologia na mesma faculdade em que minha tia antes de mudar de profissão, para contar minhas descobertas.

De forma simples, ele me respondeu com suas vivências. Disposto a me ajudar a compreender melhor as lutas do povo coreano, ele me contou que seus avós sofreram com a proibição do ensino de coreano quando eram jovens e eram mais proficientes no japonês do que em sua língua materna.

“A Coreia era um país feudal no final do século XIX, então não tiveram muitos obstáculos para a ocupação japonesa e oficialmente tornou-se um território japonês desde 1910 até o fim da Segunda Guerra Mundial. Nas gerações mais velhas ainda têm um certo ressentimento da época da colonização. Minhas avós materna e paterna sabiam escrever mais a língua japonesa do que

a coreana, pois foram proibidas de escrever durante a colonização”.

Sem que eu sequer precisasse perguntar, ele pareceu ter adivinhado as dúvidas que pairavam sobre a minha cabeça e tivemos um diálogo muito enriquecedor.

Cada vez mais atônita com o quão pouco nos é ensinado sobre o leste asiático, fiquei sem reação. Eu, que quando se trata da Coreia do Sul esqueço que sou introvertida e desato a conversar, fiquei em dúvida de como deveria reagir perante a ignorância que sempre tive e apenas então foi revelada. Claudio manteve sua gentileza e simplicidade durante toda a conversa, contando os fatos de forma tão casual que eu sentia que estávamos sentados em uma mesa de restaurante, apesar de ter um celular nos separando. Ele me disse que a rivalidade entre as duas nações ainda permanece viva e fez um comparativo com a rixa entre Brasil e Argentina.

“Se aqui temos a rivalidade com a Argentina, lá não querem perder para os japoneses para nada. Creio que também essa mentalidade de não ficar para trás fez com que a Coreia crescesse mais rapidamente, principalmente após a década de 1980.”

Claudio logo em seguida explicou que a Coreia do Sul começou a passar por um processo de fortalecimento da economia com o passar dos anos.

“Meu pai sempre falava: Nas décadas de 70/80, o Brasil tinha uma renda per capita maior que da Coreia. Hoje a competição está mais acirrada. Teve a ditadura que também deu um grande impulso na economia”.

Terminei a conversa e voltei a mergulhar em livros e sites em busca de conhecimento. Foi então que me veio o motivo de eu saber tão pouco: praticamente não há fontes em português. Fui a bibliotecas buscar obras que retratassem a Coreia especificamente e não que colocassem o nome do país em um de seus 50 capítulos sobre a Segunda Guerra Mundial. Eu não conseguia encontrar e a falta apenas me deixava mais insatisfeita. Entrei no YouTube e busquei documentários. Também não vi resultados. Mudei o idioma e fui para o inglês, era hora de colocar minha fluência em uso. Finalmente comecei a encontrar mais resultados, mas seguia indignada com a falta de referências brasileiras. Foi por este motivo que me decidi tornar uma guia e convidá-lo a embarcar neste trem. Espero que consiga desbravar a Coreia do Sul ao meu lado e acenda em seu coração a mesma paixão que há muito habita o meu.

ESTAÇÃO III

HALLYU WAVE

Na próxima estação, onde expandiremos nosso vocabulário e enxergaremos a indústria audiovisual como parte de um fenômeno ainda maior. O termo *Hallyu Wave*, que significa “onda coreana”, foi criado por jornalistas de Pequim que se surpreenderam com a crescente popularidade da cultura sul-coreana na China a partir da década de 1990. A *Hallyu* engloba *K-pop*, *K-Dramas*, cosméticos e moda. O livro *Fatos Sobre a Coreia* (MINISTÉRIO DA CULTURA, ESPORTES E LAZER DA COREIA DO SUL, 2013) diz que o termo se refere “ao crescente interesse na cultura popular e tradicional coreana, cruzando a Ásia, a Europa, o Oriente Médio e as Américas”.

Foi entre meados da década de 1990 até o começo dos anos 200 que séries de TV sul-coreanas começaram a ganhar grande

popularidade na Ásia. Em 1997, por exemplo, *What Is Love* foi transmitida na maior emissora chinesa, a *China Central Television (CCTV)*, e surge o termo *Hallyu*. Já no Japão, o primeiro título que invadiu as televisões foi *Winter Sonata*, em 2003, que passou na NHK e se tornou um grande sucesso.

Para além das séries, o *K-Pop* também passou a conquistar cada vez mais espaço, atraindo visibilidade para a cultura sul-coreana e reunido uma série de entusiastas ao redor do globo. O que antes fazia sucesso apenas na Ásia, começou a romper as fronteiras e se espalhar para demais continentes. A grande maioria dos fãs era adolescentes ou jovens adultos, que além de assistir *K-Dramas* e ouvirem música, passaram a consumir o cinema, gastronomia, literatura, moda e aprender o idioma. O fenômeno cresceu gradualmente ao longo dos anos, até que culminou na indicação de *Parasita* ao Oscar.

Segundo informações do Ministério da Cultura da Coreia do Sul, o número de organizações relacionadas à *Hallyu* que reúnem entusiastas da cultura sul-coreana cresce cerca de 7% todos os anos, enquanto o número de membros aumenta em 36%. Em 2020, o contingente de pessoas que haviam entrado para tais organizações atingiu 100 milhões. A grande maioria consiste em fã-clubes de *K-Pop*. O fenômeno também ajudou a fomentar o

turismo, atraindo visitantes que procuram conhecer o país de pertinho.

A Coreia do Sul agora se impõe como uma nação de quarta maior economia da Ásia e décima-primeira maior do mundo. Seu PIB alcança 1,647 trilhão USD (2019) e seu pequeno território não é mais sinônimo de pobreza. O *K-pop* e o *K-Drama* se transformam em uma *commodity* e uma fórmula econômica que movimenta milhões de dólares todo ano e continua a trazer lucro para a nação através, não só da comercialização de música e produtos relacionados a ela, mas com seu impacto no turismo, na atração de investimentos estrangeiros no país e maior visibilidade às outras indústrias coreanas como as automobilísticas e de eletrônicos.

A *Netflix* e outras plataformas de *streaming* demoraram a se estabelecer e se popularizar no Brasil, então ainda pode ser considerado com fenômeno recente no país. Ainda assim, é possível observar como elas se transformaram e se adaptaram às tendências na última década. Até o ano de 2019 ainda era extremamente difícil e raro encontrar produções asiáticas na *Netflix* que não fossem *animes*, as famosas animações japonesas. Porém, tudo mudou de forma radical.

A cada ano são adicionadas mais séries asiáticas do gênero de comédia romântica. A plataforma de *streaming* começou a

adquirir os direitos de colocar em seu catálogo diversos títulos que bateram recordes de audiência na televisão sul-coreana até o momento em que decidiu tomar as rédeas e lançar produções originais. Seguindo seus passos, *HBO*, *Amazon* e até a *Disney* também investiram capital no mercado.

Se antes os amantes de *K-Dramas* precisaram pesquisar para achar uma atração que lhes interessasse, agora basta abrir o aplicativo que diversas séries são expostas logo na página inicial. Conforme as produções foram ganhando espaço e garantindo sua posição nos rankings de séries mais assistidas das plataformas, muitos títulos passaram a ganhar dublagens brasileiras. Agora não era mais necessário ler as legendas e os conteúdos estavam cada vez mais acessíveis.

Em 2023, a *HBO Max* surpreendeu ao lançar *Além do Guarda-Roupa*. A série inovou ao ser a primeira produção brasileiro-coreana, com metade do elenco sendo de cada país. A *HBO Max* trouxe atores e cantores sul-coreanos ao Brasil para gravar as cenas no Bom Retiro (bairro de São Paulo marcado pela imigração sul-coreana) ao lado de artistas do país. A trama possui diálogos em ambos os idiomas e conta a história de Carol, uma adolescente descendente de coreanos que precisa lidar com preconceitos enquanto trabalha na cafeteria de sua tia e corre em busca do sonho de se tornar uma bailarina. Em meio às

dificuldades, ela descobre um portal em seu armário que está conectado com a Coreia do Sul.

No mesmo ano, a *Rede TV!* anunciou que passaria a exibir em sua programação os episódios de *Descendentes do Sol*, um dos *K-Dramas* de maior sucesso. Após notar que a decisão atraiu grande audiência, decidiu seguir comprando direitos de exibição de séries sul-coreanas e segue anunciando títulos que serão exibidos na emissora. Por se tratar de um canal de televisão aberta, a decisão mostra o quanto o brasileiro está interessado em ver produtos asiáticos.

Já em 2024, surgiram boatos de que o *SBT* também gostaria de investir na indústria dos *K-Dramas* e colocar títulos em sua grade. A emissora de Silvio Santos sempre foi mais focada em comprar telenovelas mexicanas e/ou latinas, então as especulações de que estaria interessada em séries sul-coreanas surpreendeu a mídia. A *TV Globo* não ficou para trás e investiu em uma série de reportagens na Coreia do Sul falando sobre a *Hallyu Wave*. Também foi anunciado que uma das personagens da novela das sete *Volta por cima* seria fã de *K-Pop*.

É importante ressaltar que, enquanto a cultura sul-coreana está passando por uma alta de interesse recente, a *Hallyu* chegou ao Brasil em meados nos anos 2000. Além disso, os produtos culturais do Japão se estabeleceram no nosso país antes dos

oriundos da Coreia do Sul. Insung Park, coordenador de cooperação com organizações no Brasil, que também atende como Jack, explica:

“O Brasil tem o maior número de imigrantes japoneses do mundo. Então, tem essa comunidade japonesa muito grande e forte estabelecida aqui no Brasil, sempre teve. Primeiro a *Hallyu* foi da Coreia para o Japão. Essa fama sobre os conteúdos culturais coreanos veio atingindo toda a colônia de imigrantes japoneses. Entre os japoneses, eles logo conseguem perceber que esse é o conteúdo coreano, por causa da língua. Só que aqueles que não são imigrantes japoneses, e que já estavam consumindo conteúdos japoneses, não conseguem perceber nitidamente uma diferença, uma tendência nova”.

Ele então continua:

“Essa transição foi algo muito natural. Essa mudança de tecnologia de DVD, de ir para o YouTube aqui no Brasil, foi uma coisa muito rápida. Depois do YouTube, veio outras plataformas, como a Netflix, aí que estourou os conteúdos culturais coreanos. O pessoal não tinha ainda ciência de quais eram conteúdos japoneses, chineses ou coreanos. Então, até por isso que eu falo, até entendo pelos acontecimentos do público brasileiro, entender que parece tudo do mesmo prato, tudo da mesma categoria, só que não. É isso que aconteceu no Brasil”

Ao refletir sobre a forma em que a Coreia do Sul parece ser um país que vive em perfeita harmonia com o moderno e o tradicional, o coordenador opina que essa é uma das maiores vantagens do país.

“Acho que essa é uma identidade da cultura coreana. Existe essa tradição e modernidade ao mesmo tempo, né? O que a gente vê em todas as produções. As características fortes dos conteúdos culturais coreanos é que são genuinamente coreanos, sabe? Não é de outra cultura. É uma cultura muito diferente e única. Isso faz com que os produtos culturais coreanos ganhassem a sua peculiaridade. Essa é uma vantagem. Porque na Coreia existe uma forte concorrência dentro do mercado interno da Coreia. Isso nunca saiu do país. Mas através do desenvolvimento de tecnologia de informação, isso conseguiu atingir um público que talvez nem a Coreia estava esperando que chegasse desse nível de influência”.

Por estarmos no assunto *Hallyu*, ele voltou a ressaltar os motivos pelos quais o uso da palavra “dorama” é prejudicial.

“Parece que está tendo esse apagamento das nossas características culturais. O Japão já teve histórico de falar que Kimchi é um prato japonês. A China vem continuamente tentando reescrever suas histórias falando que a origem da Coreia é chinesa. Então, existe uma grande luta geopolítica mesmo. Eu como coreano e o

Centro Cultural Coreano como uma instituição governamental coreana, não tem como deixar quieto diante dessa situação em que deixa toda essa região de uma mesma coisa. Tem que respeitar a diversidade. E esse tipo de uso, esse tipo de atitude não mostra respeito à diversidade de cultura”.

Por fim, explica que a participação do governo sul-coreano em políticas de incentivo às produções artísticas ocorre mais de forma indireta do que direta.

“Para o cenário de arte, arte cênica, artes plásticas, são mais apoio direto, sim, incentivam diretamente com algum orçamento para realmente ter o seu mercado dentro do cenário mundial. Mas para a indústria criativa, que eu digo que a indústria criativa é de jogos, de filmes, de *K-Dramas*, de música, a gestão do governo é mais para fortalecer o mercado para que tenha uma competitividade internacional, não há injeção de orçamento governamental direto nesses projetos. A ideia do governo é ter uma competitividade alta dentro do mercado nacional para que isso subisse a total qualidade dos produtos da indústria criativa. Então, é um pouco diferente do cenário do Brasil, onde o Brasil tem o Lei Rouanet, onde tem esse tipo de apoio orçamentário sobre todo tipo de projetos culturais. É um tipo de gestão diferente”.

ESTAÇÃO IV

A PALAVRA É K-DRAMA

Chegou a hora de retornarmos aos assentos e seguirmos até o Centro Cultural Coreano no Brasil, onde mais aprofunda Insung Park. Enquanto refletia sobre qual a melhor rota para a nossa viagem, entrei em contato com o CCCB e marquei uma conversa com um dos coordenadores da instituição. O espaço foi inaugurado em 2013 como uma instituição oficial do governo da República da Coreia. O *website* informa que eles têm como objetivo “ajudar os cidadãos brasileiros a se aproximarem e experimentarem a cultura coreana” por meio de exposições, performances, festivais e cursos⁶.

⁶ Disponível em: <https://brazil.korean-culture.org/pt/6/contents/289>
Acesso em: 29 jun. 2024

Dentre os diversos arranha-céus erguidos na Avenida Paulista, há um discreto prédio com uma placa ainda mais discreta. Muitos já perceberam que um dos edifícios tem na frente uma estátua de um homem em posição de reverência na frente, mas nunca pararam para reparar nas letras ao seu lado informando que ali está o Centro Cultural Coreano. Na recepção, nos recebe Jack, o coordenador de cooperação com organizações no Brasil. Ele surge com um visual moderno e despojado e convida a fazer um breve tour pelo local antes de conversar.

Além do movimento usual da semana, com a presença de alunos dos mais variados cursos, ainda há um alto contingente de visitantes da exposição *Amor está nas pequenas coisas*, que celebra o trabalho da artista Puuung no piso térreo do prédio. Subimos algumas escadas, passamos por uma simpática e colorida biblioteca repleta de alunos da instituição e nos acomodamos em uma sala de reuniões não para uma entrevista, mas sim para uma conversa. Explico a ele a natureza de minha pesquisa, conto que sou grande entusiasta de produções coreanas a acompanho o fenômeno da *Hallyu Wave*. Relembro a conversa que tive com Claudio Lee e vejo Jack esboçar um leve sorriso, nada surpreso com minha dificuldade de encontrar fontes de pesquisa.

“Não tem mesmo. Inglês já é difícil, espanhol mais ainda, quase nada em português. Não tem muito o que fazer”, respondeu.

Ele então revela que mesmo dentro do CCCB há funcionários que não sabiam reconhecer a bandeira do sol nascente, usada pelo Império japonês. O coordenador fez um comparativo com a colonização que o Brasil sofreu de Portugal e explicou que, se aqui o império português exerceu esse processo por cerca de 300 anos, o Japão tentou dominar a Coreia em 30.

“Isso é uma opinião pessoal, mas imagina a colonização brasileira, que aconteceu em séculos, só que o Japão tentou fazer isso em algumas décadas. Foi um apagamento muito forte em pouco tempo. Foi bastante violento. Aí que às vezes falta a empatia e a sensibilidade de pensar: ‘Pelo que passou aquele povo?’ É triste o pessoal não entender muito bem essa situação. Algumas pessoas tiveram que trocar de nome. Era uma cultura de 5 mil anos que existiu naquela península”.

Jack continua seu relato me contando que estamos falando de uma nação que passou por muitos conflitos territoriais com países vizinhos e, por conta disso, ainda vive no coração dos coreanos um sentimento de proteção pela própria cultura.

“Sempre teve confronto territorial entre Japão, Coreia, China e Mongólia. Tiveram tentativas de apagamento da nossa cultura por

parte da Mongólia. Para o coreano é muito sensível essa parte. Nós somos muito conservadores no sentido de que a gente precisa preservar nossa cultura, defender nosso país.

É neste momento que ele explica o motivo pelo qual usar a palavra “dorama” pode ser tão ofensivo para os coreanos. Após passar por tamanha repressão, não seria indelicado usar um termo japonês para definir séries sul-coreanas? Não seria um desrespeito usar o mesmo termo para se referir à todas as produções do leste asiático como se fossem homogêneas?

“Se os sul-coreanos virem que os brasileiros fãs de cultura coreana estão chamando nossos conteúdos com um termo japonês... Isso não cairia muito bem. Eu espero que o público brasileiro tenha consciência disso. É muito triste e difícil de entender o que está acontecendo”, diz ele em tom decepcionado com as mídias e pessoas que insistem em usar a palavra errada sem buscar a sua origem.

Foi em outubro de 2023 que a Associação Brasileira de Letras dividiu opiniões ao adicionar uma nova palavra em seu vocabulário. Diante da alta pela procura de séries asiáticas, a ABL anunciou a adoção do termo “dorama” com a definição: “substantivo masculino. Obra audiovisual de ficção em formato de série, produzida no leste e sudeste da Ásia, de gêneros e temas

diversos, em geral com elenco local e no idioma do país de origem”.

Logo abaixo, colocou um adendo, que diz: “Os doramas foram criados no Japão na década de 1950 e se expandiram para outros países asiáticos, adquirindo características e marcas culturais próprias de cada território. Para identificar o país de origem, também são usadas denominações específicas, como, por exemplo, os estrangeirismos da língua inglesa *J-drama* para os doramas japoneses, *K-Drama* para os coreanos, *C-drama* para os chineses.⁷”

A Associação Brasileira dos Coreanos compreensivelmente não ficou muito feliz com a definição da palavra e emitiu uma nota de repúdio em resposta. A comunidade considerou “preconceituosa a decisão de generalizar as produções do leste-asiático” e completou: “Não é certo generalizar expressões culturais. Cada produção tem suas características, peculiaridades e um público específico. Generalizar é confundir as peculiaridades. É como falar que toda comida nordestina é comida baiana⁸”.

⁷ Dorama. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/dorama> Acesso em: 12 ago. 2024

⁸ Coreanos reprovam inclusão da palavra “dorama” na língua portuguesa. Disponível em: <https://www.metropoles.com/entretenimento/coreanos-reprovam-inclusao-da-palavra-dorama-na-lingua-portuguesa> Acesso em: 6 ago. 2024

Foi entendido que a palavra “dorama” reforça estereótipos de consumo e desconsidera a pluralidade das produções do leste asiático. Quando nos referimos a séries europeias, por exemplo, não falamos “eurodramas”, mas sempre salientamos de qual país ela é originária. Desta forma, a melhor maneira seria dizer simplesmente “série coreana” ou usar “k-drama”, onde a letra “k” simboliza a Coreia do Sul. Durante nossa conversa, Jack fez questão de salientar esse ponto.

“Dorama não faz sentido para definição de séries coreanas sendo que já tem o termo, que é drama. Isso foi modificado através dos japoneses para definição das séries de origem japonesa. Existe no Brasil esse movimento de legitimar a palavra dorama para a definição de todos os conteúdos asiáticos de uma vez, mas isso para mim é um pouco lamentável. Isso faz com que apagassem cada peculiaridade, especificações de indústria cultural de cada país. Isso realmente é um movimento que está acontecendo no Brasil, mas está errado”, disse ele.

“Nós ficamos sabendo através de uma postagem da ABL no Instagram de que agora ela adicionou a nova palavra dorama para definição de todas as séries asiáticas, incluindo japonesas, chinesas e coreanas. Diante dessa situação, com o mesmo pensamento, pelo fato de a Coreia ter passado historicamente um apagamento muito violento dos imperialistas japoneses sobre a

Coreia, isso realmente machuca e aflige a gente. Somos uma colônia de coreanos imigrantes que tenta preservar sua cultura e passou por momentos bastante xenofóbicos por falta de entendimento.

O objetivo da Associação Brasileira dos Coreanos era incentivar o público brasileiro a ter a informação correta e combater estereótipos. A grande maioria dos asiáticos ainda sofre com ocidentais tratando suas culturas como se fossem homogêneas e ignorando as diversidades, principalmente quando estamos falando do leste da Ásia. Diversos *influencers*, mídias e jornalistas seguem publicando conteúdos utilizando termos errados, o que contribui na disseminação de desinformação e fortalece más práticas.

A nota de repúdio representou um protesto não apenas a uma “simples palavra”, mas tudo aquilo o que ela representa para um povo que segue sofrendo com tentativas de apagamento cultural. Foi um posicionamento necessário para impedir que o termo “dorama” continue sendo utilizado de forma genérica.

“O que a Associação tenta fazer é incentivar o público brasileiro a ter a informação correta. Tem alguns influencers e muita gente que tem essa influência de vir falar com o público dizendo que em língua coreana não se conhece pronunciar a palavra ‘drama’ [Jack então pronuncia a palavra da forma como os coreanos falam e

mostra que é, sim, possível]. Começa a justificar de um dado muito errado. Por conta disso que a ABC fez a nota de repúdio. Alguns professores que estudam sobre a cultura coreana aqui no Brasil também foram contra esse tipo de movimento”, finaliza Jack.

ESTAÇÃO V

UM MERGULHO EM ÁGUAS PACÍFICAS

Já que fizemos uma visita ao Centro Cultural Coreano no Brasil, que tal agora nos dirigirmos até a Universidade de São Paulo? A Cidade Universitária abriga a Área de Língua e Literatura Coreana, que foi criada em 2012 por iniciativa do Prof. Dr. Antonio José Bezerra de Menezes Jr em conjunto com a Profa. Dra. Yun Jung Im Park. A professora Ji Yun Kim é quem nos recebe e conta sua visão pessoal sobre a alta da procura pela cultura sul-coreana e o fenômeno da *Hallyu Wave*. Chega a hora de nos sentarmos em uma sala de aula e ouvir o relato.

Ji Yun começa contando que o curso começou como uma optativa, para posteriormente se tornar uma graduação.

Inicialmente, a procura era muito baixa, havia pouca estrutura, quase nenhum interesse e os alunos entravam sem muita paixão. Foi de repente que a situação mudou de forma brusca e surpreendente.

“Acho que foram nos últimos cinco anos. No começo, a gente precisava realmente lutar para recrutar os alunos. Da nossa parte também não tinha muita estrutura do curso. Logo antes da pandemia de Covid-19 acho que a situação começou a mudar. Entravam mais alunos, o curso começou a ser muito competido. Em 2022, o ranqueamento do nosso curso foi mais alto. A situação mudou de maneira muito surpreendente e em pouco tempo”, relembra ela.

A professora reflete sobre como, durante a pandemia de Covid-19, as pessoas passaram a assistir mais séries sul-coreanas, ouvir *K-Pop* e a mergulhar na *Hallyu Wave*, intensificando o interesse por produtos sul-coreanos e, conseqüentemente, estudo do idioma. O curso, que anualmente abre 20 vagas para calouros, viu que o número de inscrições aumentava exponencialmente a cada ano. Alunos de outras faculdades da USP também começaram a buscar as optativas do departamento de coreano.

Segundo o site oficial da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH), este se trata do “primeiro e único curso de graduação em Coreano existente na América do Sul e já

é considerado um dos principais polos dos Estudos Coreanos na América Latina”⁹. Apesar de agora dar aulas para salas cheias, Ji Yun opina que no Brasil ainda há muito pouco estudo sobre a Coreia do Sul.

“Eu percebo que isso é por conta da cultura mesmo, do cinema, do drama, do *K-Pop*. Mas, em relação ao estudo, eu ainda diria que estamos bem no começo da nossa pesquisa aqui no Brasil. Precisamos de mais. Estou vivendo essa mudança”.

Pergunto a ela a sua opinião sobre a problemática em torno do uso do termo “dorama” para se referir às séries sul-coreanas, ao que a professora rapidamente confessa que na USP não é aceito que ele seja reproduzido.

“Dentro da USP, se alguém fala ‘dorama’, a gente não aceita, mesmo que seja uma piada. Isso não soa nem um pouco coreano, é muito japonês”.

Ji Yun diz entender o motivo pelo qual os brasileiros tendem a tratar as culturas do leste asiático de forma homogênea. Segundo ela, parte do motivo é que os produtos japoneses já estavam bem estabelecidos por aqui e a população ainda não tem preparo ou estudo para saber distinguir as diferenças;

⁹ Disponível em: <https://letrasorientais.fflch.usp.br/graduacao/coreano>
Acesso em: 28 ago. 2024

“A cultura asiática chegou no Brasil já faz tempo através do Japão, mas essa ideia sobre a Ásia no geral chegou faz pouco tempo. Por conta dessa *Hallyu*, de repente entrou a cultura coreana, aí o povo brasileiro não tinha essa preparação para distinguir as diferenças entre as culturas. Realmente são culturas diferentes e a gente consegue perceber na hora, porque já somos desse mundo. Por outro lado, como temos muitas histórias compartilhadas, somos geograficamente muito perto e houve influência cultural, realmente tem coisas parecidas entre as três culturas, a japonesa, a chinesa e a coreana”.

Ela então deixa uma reflexão:

“Os brasileiros captam mais as coisas parecidas do que as diferenças entre as culturas, porque a gente sempre percebe o mundo a partir do que já conhece. Como o brasileiro já conhece a japonesa por conta dessa influência, é natural que comecem a olhar tudo a partir do Japão e ir expandindo”.

Apesar de reconhecer que atualmente a Coreia do Sul ganhou maior visibilidade, ela opina que o lado do mercado sempre reagiu mais rápido do que outras áreas e o país ainda não ocupou um lugar de potência, pois falta ponto de vista crítico. Um exemplo disso é que sempre há ao menos um título sul-coreano entre as 10 séries mais assistidas da *Netflix*, mas não há aulas nas

escolas sobre a história do país ou disseminação de informações sobre economia e política do leste asiático.

“Não está sendo *mainstream*, ainda é uma novidade. Para mim, como coreana, sinto no Brasil essa mudança de maneira relativamente direta por estar no curso de coreano dentro da USP. Mas quando saio e encontro pessoas que não tem nada a ver com meu trabalho, a maioria continua não sabendo muito sobre a Coreia do Sul. Elas ouvem falar, mas é como se fosse um boato. Embora a mudança da procura pela cultura coreana seja muito surpreendente, dentro do Brasil ainda está sendo uma novidade, além dessas pessoas que se interessaram e realmente se aprofundaram, que são pouquíssimas. Está bombando, mas ainda está no começo, não chega no nível de Estados Unidos e Europa”.

ESTAÇÃO VI

O FLORESCIMENTO DA SÉTIMA ARTE

Embora a história do povo coreano possua cerca de 5 mil anos, foi apenas no século XX que os coreanos começaram a ter contato com o Ocidente. O cinema surge como uma indústria que coloca a Coreia do Sul no mapa das maiores economias mundiais e muda a maneira distorcida como era vista pelos estrangeiros, como uma terra exótica onde carne de cachorro podia ser considerada uma iguaria, e passa à nação com a posição de sexta maior produtora mundial de música e o quinto maior mercado de cinema mundial. Nesta estação, peço que desça do trem e se imagine sentado em uma antiga sala de cinema de rua. Eu, sua guia, agora contarei um pouco sobre a história do cinema na Coreia do Sul.

Foi um longo caminho até a indústria cinematográfica sul-coreana conquistar o seu lugar atual como a quinta maior do mundo. O primeiro filme gravado na Coreia foi o kino-drama *A vingança honrada*, longa-metragem lançado em 1919 sob a direção de Kim Do-san. Os personagens da trama viviam em um país consumido pela opressão do império japonês, retratando a realidade vivida na época. Como a primeira exibição de um filme no mundo aconteceu em 1895, pode-se dizer que o cinema chegou à Coreia de forma tardia.

Já o primeiro filme comercial foi *Jang Hwa Hong Ryeon Jeon*, lançado em 1924 com Park Jung-hyun como diretor. A produção abordava a morte de duas garotas que sofreram maus tratos de uma madrasta maquiavélica. Foi a partir desta película da companhia Dansung que começaram a surgir estúdios cinematográficos particulares.

Na tentativa de usar a sétima arte como forma de expressão e reafirmação cultural, era comum que os filmes da época retratassem a miséria e sofrimento dos coreanos como habitantes de uma colônia que enfrentava forte censura do Japão. Os filmes se tornavam um objeto de luta contra a repressão e, mesmo que indiretamente, levavam mensagens de resistência. Em 1926, chega ao público *Arirang*, do diretor Na Um-kyu, considerado o primeiro filme nacionalista sul-coreano e uma crítica ao império

japonês. O nome da produção faz uma referência a uma música folclórica coreana que possui mais de 600 anos de idade (estimadamente) e cerca de 3.600 variações de 60 versões diferentes, além de já ter sido duas vezes reconhecida pela UNESCO como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade.

A trama do longa-metragem *Arirang* fala sobre um estudante que é preso e torturado por japoneses por conta de seu envolvimento em um protesto contra o império e acaba perdendo sua sanidade mental. Após ser solto, ele retorna para casa, onde moram seu pai e irmã. Quando o filho de um rico proprietário de terras, vinculado à polícia japonesa, tenta estuprar sua irmã, ele o mata e acaba retornando à cadeia. Uma série de cineastas e aspirantes a cineastas se inspiraram na obra para começar a produzir um cinema de protesto. Porém, a década de 1920 apenas permitiu tais produções porque as leis de censura ainda não eram tão rígidas quanto as da década de 1930, quando qualquer filme que fosse contra os parâmetros impostos pelo império seria banido e/ou destruído.

Talvez tivesse sido possível ver o cinema florescer a partir de 1945, quando os japoneses foram expulsos da Coreia pelas tropas americanas e russas, mas a Guerra das Coreias logo sucedeu o breve período de alívio pós-libertação e desolou a nação, que se dividiu em duas. Não há como se falar em cinema norte-coreano,

mas temos como analisar a história do audiovisual na República da Coreia. O setor passou por um renascimento a partir de 1953 quando o presidente Rhee Syngman buscou reviver a indústria cinematográfica e, para isso, isentou o cinema de todos os impostos¹⁰. Nascia, então, a “era de ouro” do audiovisual no país. Nessa mesma década, foi retratado um beijo nos filmes pela primeira vez em *O Beijo*. Para nós, pode parecer estranho, mas precisamos levar em consideração que se tratava de um país que havia acabado de se abrir à influência ocidental e seguia os valores tradicionais do confucionismo.

Durante cerca de uma década, a indústria cinematográfica cresceu gradualmente e teve um aumento rápido de negócios, mas houve uma fase de estagnação por conta da expansão da indústria televisiva. A grande questão é que a instauração de ditaduras e governos militares na Coreia do Sul trouxe consigo um novo tipo de censura: a entrada de produções estrangeiras era rigidamente controlada. Em 1961, os coreanos sofrem um golpe que deu início a uma ditadura que se estendeu até 1987 e abalou a sétima arte. Houve uma mudança na Lei do Cinema e agora, ao mesmo tempo em que dificultava a entrada de produções estrangeiras no país, o novo governo também criava empecilhos na criação de produtos

¹⁰ O Cinema Coreano: dos dramas aos filmes. Disponível em: <https://blogfca.pucminas.br/ccm/o-cinema-coreano-dos-dramas-aos-filmes/> Acesso em 26 mar 2024.

audiovisuais no país. Em entrevista concedida à BBC¹¹ (que integrou uma reportagem escrita pelo jornalista Rafael Barifouse), o professor do Departamento de Comunicação da Universidade Kwangwoon, em Seul, Marc Raymond, declarou:

“A censura se instalou. Leis dificultavam a criação de estúdios e restringiam a quantidade de filmes independentes e mais criativos que eram financiados e produzidos. Nos anos 1970, a qualidade caiu bastante, e, nos anos 1980, piorou ainda mais. Os filmes não eram populares nem entre os coreanos, que preferiam os estrangeiros”

Após muitas lutas e protestos contra o regime militar, eleições diretas foram convocadas pela população, que clamava por democracia e restauração de direitos civis. É durante o processo de redemocratização que o interesse pela sétima arte passa por um novo renascimento. A redemocratização do país começa em 1987, após 26 anos de ditadura. É neste ano que sobe ao poder Roh Tae-woo para o 13º mandato presidencial na primeira eleição presidencial direta em 16 anos. O novo governante da República da Coreia chegou determinado a dar início a um governo que buscasse apagar os vestígios passados de regimes autoritários.

¹¹ Apoio do governo, cotas e festivais: como a Coreia do Sul reinventou seu cinema e fez história no Oscar com 'Parasita'. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51420743> Acesso em: 18 jun. 2024

Agora que os sul-coreanos finalmente estavam livres da censura, surgia a oportunidade de expandir comercialmente o setor cinematográfico, que passou por um processo de profissionalização.

“Estas pessoas buscaram criar um novo cinema nacional com filmes que tratam das questões sociais e políticas que ocorrem no país. Assim, o cinema sul-coreano cresceu gradualmente e ser tornou mais respeitado até que, no início do século XXI, passou a fazer filmes de sucesso que competem domesticamente com Hollywood”, adicionou Raymond.

Na década de 1980, o cinema volta a florescer na Coreia do Sul e começa a recuperar sua vitalidade com a ajuda de jovens talentosos que sonhavam em conquistar as telonas. O documentário *Porta Amarela: O Cineclube dos Anos 90* mostra como era a vida de jovens revolucionários na Coreia do Sul dos anos 90, década em que os sul-coreanos começaram a dar importância e estudar cinema. A obra acompanha a juventude de Bong Joon-ho (diretor de *Parasita*) e seus amigos na época em que ainda estavam na faculdade e sonhavam em fazer cinema. Nenhum daqueles aspirantes a cineastas cursava audiovisual, mas eram grandes amantes de produções norte-americanas e europeias, além de carregar consigo o sonho de estar por trás de uma câmera. Em uma época em que o acesso a produções

cinematográficas era muito difícil e a profissão era extremamente malvista, eles comparavam livros de língua inglesa e estudavam filmes a partir deles. Muitas obras eles nem chegaram a assistir, mas sabiam do que tratava por terem lido e traduzido os livros para o coreano. Foi estudando através das páginas, juntando dinheiro para comprar fitas importadas e fazendo cópias de filmes que aqueles jovens formaram um cineclube e posteriormente se ergueram como nomes importantes do cinema sul-coreano.

O grupo sonhava em acabar com a ditadura e revogar a Constituição. Quando a festa acabou, de repente se encontraram perdidos. Alguns se sentiram desanimados por não terem realizados grandes feitos e não sabiam para onde ir ou o que fazer com tanta energia. Os movimentos estudantis haviam acabado, então estes jovens permaneceram juntos em seu cineclube, que ficava em uma salinha discreta em Sul, dotada de uma porta amarela (que deu nome ao cineclube). Juntos, davam palestras, estudavam, compartilhavam conhecimentos e se ajudavam. Foi do sonho destes jovens revolucionários, que pegaram inspirações estrangeiras e as converteram em orgulho nacional, que nasceu o Novo Cinema Coreano.

Filhos da ditadura, descendentes de famílias que foram arrasadas na Guerra das Coreias e fruto da miséria de uma nação que se reergueu sozinha, aqueles jovens tinham orgulho de sua cultura e

aprenderam que não fazia sentido apenas traduzir filmes, era necessário ter filmes que falassem o idioma de suas almas. Eles eram, sim, inspirados por estrangeiros, mas seus corações batiam pela Coreia do Sul. Pegaram o que o restante do mundo tinha de melhor e aplicaram em suas próprias produções, exaltando a cultura nacional e mostrando que o cinema tinha alto potencial. Após anos de opressão, era necessário agora mostrar através do cinema o valor da cultura sul-coreana e expor tanto as partes mais belas quanto as mais obscuras da sociedade.

No documentário, o diretor de cinema e cinéfilo de primeira geração Kim Hong-jun refletiu sobre como as pessoas de sua geração pediam que houvesse festivais de cinema e financiamento à sétima arte na Coreia do Sul:

“Nos anos 70 e 80, os cinéfilos da minha geração se reuniam para reclamar da indústria. Por que não temos um festival de cinema? Ou uma escola especializada? Por que a Coreia do Sul não financia o cinema nacional? O paraíso do cinema não está no nosso país. Quero visitar esse lugar”

A cineasta e membro do Porta Amarela Kim Hyung-oak lembrou que foi na década de 1990 que ela viu o mercado cinematográfico começar a florescer, com o surgimento de revistas especializadas:

“Na minha opinião, do meio para o final dos anos 90, a indústria do cinema ganhou corpo. Muitos viraram celebridades e editores-chefes de revistas. Ver aquilo tudo acontecendo diante de nossos olhos foi uma motivação e tanto”.

O Ministério da Cultura, Esportes e Turismo da Coreia do Sul decidiu colocar o cinema como capa da edição de julho de 2024 de sua revista mensal¹², que tem cópias distribuídas em centros culturais do mundo todo. Nela, o colunista Soongbeum Ahn (professor do departamento de Língua Coreana e Literatura na Universidade Kyung Hee e diretor da *K-Culture – Story Content Research Institute*) destacou que, a partir de meados da década de 1990, o cinema coreano passou por uma transformação profunda, que impactou todas as etapas do processo cinematográfico: planejamento, produção, distribuição e consumo. Esse período de mudanças positivas sobrepostas culminou no surgimento da “onda coreana” no cinema, consolidando a Coreia do Sul como um importante polo de inovação e qualidade na indústria cinematográfica global.

Ele ainda fez uma menção ao fato de que membros da indústria cinematográfica coreana estavam nervosos com a perspectiva de

¹² Cinematic Storytelling: Korea at the Movies. Disponível em: <https://www.kocis.go.kr/eng/webzine/202407/sub01.html> Acesso em 25 jul. 2024

abertura de mercado. Segundo o colunista, muitos cineastas saíam às ruas gritando slogans relacionados à “cota de telas”, que exigia que exigia que os cinemas exibissem filmes locais durante um determinado número de dias por ano. Um dos receios era não conseguir competir com Hollywood. Em seguida, entra em mais detalhes sobre como era o cenário da época e como o governo passou a investir na cultura cinéfila, criando mais espaços públicos para discutir filmes e publicando revistas, como as edições coreanas de *Screen* e *Roadshow*, bem como *Cine21*, *Kino* e *Premier* foram publicadas.

“A mudança na cultura de comunicação online dos sistemas de quadro de avisos para a *web* trouxe um aumento dramático nos canais para as pessoas comuns acessarem, consumirem, apreciarem e interpretarem filmes”.

O primeiro festival internacional de cinema na Coreia do Sul foi o Festival Internacional de Cinema de Busan (BIFF), que aconteceu de 13 a 21 de setembro de 1996 e foi o ponto de partida para que mais eventos cinematográficos começassem a ser realizados, com o objetivo não somente de descobrir atores e diretores talentosos, como também de atrair público para a sétima arte. O site oficial descreve que o BIFF “criou uma cultura cinematográfica com a participação ativa do seu público, além de organizar um fórum para apresentar o cinema coreano à sociedade cinematográfica

global. Foi um imenso sucesso graças aos interesses ardentes de profissionais do cinema nacionais e estrangeiros, juntamente com o enérgico público em geral¹³”.

A cota de telas mencionada não era uma política recente. Um sistema para garantir que filmes nacionais fossem exibidos nos cinemas do país foi criado em 1966, ainda durante o regime militar e durante a 'era de ouro' cinematográfica. Era estabelecido um mínimo de dias de exibição para produções nacionais.

"Depois do período militar, também foram criados um conselho cinematográfico, uma academia de cinema e um arquivo do cinema coreano, para uma valorização do cinema por meio do incentivo e financiamento público da produção, distribuição e exibição de filmes do país", explicou o professor do curso de Realização Audiovisual da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e pós-doutor em cinema sul-coreano na Universidade Sorbonne, em Paris Josmar de Oliveira Reyes, à uma matéria da BBC¹⁴ escrita por Rafael Barifouse.

Foi em sua terceira edição, que aconteceu em 1999, que foi lançado o Plano de Promoção de Pusan (PPP), formando um

¹³ Disponível em: <https://www.biff.kr/kor/> Acesso em 08 ago. 2024

¹⁴ Apoio do governo, cotas e festivais: como a Coreia do Sul reinventou seu cinema e fez história no Oscar com 'Parasita'. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51420743> Acesso em: 18 jun. 2024

ponto de encontro para investidores e produtores globais com vários projetos de filmes coreanos e asiáticos. O objetivo era atrair investimentos para o mercado. O plano segue até os dias atuais, ainda criando uma ponte entre cineastas e possíveis investidores que buscam apoiar projetos audiovisuais sul-coreanos.

Em 1999, o presidente Kim Dae-jung declarou superada a intensa crise pela qual o país passava por anos e, com a nova estabilidade, os investimentos na indústria cultural mais que dobraram: um decreto oficializou que 1% do PIB seria investido em cultura — setor que angariava entre 0,3% e 0,4%. Anteriormente reconhecido como um exportador de produtos com “bom custo-benefício”, após a crise, o país passou a focar em conferir mais glamour à "marca" Coreia¹⁵. O Estado começou a conceder crédito e subsídios para os interessados em lançar negócios culturais.

Graças ao empenho dos cineastas, as produções sul-coreanas têm alcançado cada vez mais reconhecimento em festivais internacionais, como Cannes, Chicago, Berlim e Veneza. Em 2000, o filme *Chunhyangjeon (História de Chunhyang)*, dirigido

¹⁵ A Diplomacia do K-Pop. Disponível em: <https://super.abril.com.br/especiais/a-diplomacia-do-k-pop#:~:text=Se%20antes%20o%20pa%C3%ADs%20era,que%20o%20mundo%20consumisse%20Coreia>. Acesso em 23 jul. 2024.

por Im Kwon-taek, tornou-se o primeiro longa-metragem coreano a competir com obras de diretores renomados no Festival de Cannes. Desde então, vários filmes sul-coreanos têm conquistado seu lugar em festivais e premiações. Um exemplo é o diretor Park Chan-wook, que recebeu o Grande Prêmio do Júri no Festival de Cannes em 2004 pelo filme *Old Boy*.

A Coreia do Sul se destaca significativamente no cenário cinematográfico global, tanto em termos de produção quanto de consumo de filmes. Em 2018, segundo a *Motion Picture Association of America (MPAA)*, o mercado cinematográfico sul-coreano foi avaliado em 1,6 bilhões de dólares, posicionando o país como o quinto maior mercado de cinema do mundo. Isso o coloca atrás apenas da América do Norte, China, Japão e Reino Unido.

Além disso, o país lidera mundialmente em termos de frequência de audiência *per capita*, com os sul-coreanos indo ao cinema com mais frequência do que qualquer outra população no mundo. Outro dado impressionante é que os filmes coreanos detêm uma participação de 51% nas bilheterias locais, evidenciando o forte apoio do público sul-coreano à sua própria indústria cinematográfica. Essa combinação de um mercado robusto e uma

audiência fiel é uma das razões pelas quais o cinema coreano continua a florescer e a ganhar reconhecimento global¹⁶.

Durante o Festival de Cinema Coreano, que aconteceu em São Paulo entre os dias 21 e 28 de julho, promovido pelo Centro Cultural Coreano no Brasil em parceria com o Museu da Imagem e do Som (MIS), participei de um bate-papo coletivo com o crítico Oh Dong-jin. Ao ser questionado sobre quais ele acha que são os motivos que levam as produções nacionais à terem tanta procura no país, o sul-coreano foi direto ao ponto e deu uma resposta simples, porém sincera:

“Quanto mais incentivo e fomento governamental tiver, melhor. Sempre. Mas isso não pode se tornar uma independência. Quando a gente fala da proporção do mercado interno sul-coreano, de fato ele é um dos mais altos do mundo. Não é só porque o público coreano gosta do produto nacional. A história da Coreia é um pouco complexa. Guerra, fome, ditadura militar... é muita coisa. Isso tem que ser mostrado para as pessoas na história, na educação pública, na mídia. Quando a TV ou o material didático nas escolas mostra isso parcialmente, o cinema fez o papel de trazer histórias de forma mais profunda”.

¹⁶ Disponível em: <https://kccuk.org.uk/en/about-korea/culture-and-arts/hallyu-korean-wave/> Acesso em 18 jul. 2024

O crítico seguiu explicando aos presentes que o cinema se colocou no papel de veículo de transmissão de informações no lugar do ensino público, o que atraiu o interesse do povo coreano:

“Esse talvez tenha se tornado o motivo de o público coreano se apaixonar e vibrar pelo cinema nacional, porque trouxeram a verdade. Isso, em outras palavras, também quer dizer que a educação e a mídia coreana falharam em fazer isso. Então, a motivação e o motivo de porque a gente tem tanto essa adesão do público coreano no filme nacional é que ele cumpriu um papel que talvez a educação e a mídia não fizessem direito. A política melhorando, o cinema melhora. E o cinema melhorando, a política melhora”.

O diretor Yook Sang-hyu, que estava no festival para a exibição de seu filme, *Nossa estação*, aproveitou para compartilhar seu relato pessoal:

“Contando um pouco a minha história, quando eu estava na universidade, a gente assistia filmes norte-americanos e europeus. Isso era cult. Assistir filmes nacionais não era tão ‘legal’. Na época, a censura era muito forte, então ninguém levava a sério filmes nacionais. Os assuntos tratados por eles eram sobre boates, criminosos... Eu acredito que com o fim dessa censura, a gente teve bons diretores e variados temas. Por isso acho que a qualidade naturalmente subiu”.

Podemos afirmar que o *soft power* da Coreia do Sul atua em três grandes campos: esportes, a partir do taekwondo; música, a partir do *K-Pop*; e entretenimento, a partir do audiovisual. A *Hallyu Wave* colocou a Coreia do Sul no mapa e provou que ela é muito mais do que uma nação que sofreu com a Guerra Fria, foi colônia do Japão e produz eletrônicos. Marcas como KIA, Samsung, Hyundai e LG não são mais os únicos nomes usados para definir os produtos exportados pelo país. O que realmente foi capaz de mudar sua imagem e atrair incentivos foi a cultura e a valorização dos produtos artísticos nacionais, que foram tão bem-sucedidos e efetivos na Coreia do Sul que ao menos um filme sul-coreano é lançado por semana e anualmente metade dos dez maiores sucessos de bilheteria são obras nacionais¹⁷. É impressionante ver como a nação consome seus próprios produtos e possui um senso de orgulho de sua própria cultura.

¹⁷ Como a Coreia do Sul usa seu soft power por meio da sua cultura e economia. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstreams/22c7ab67-e256-4a12-a556-e81027232675/download#:~:text=O%20crescimento%20da%20Coreia%20do,de%20desenvolvimento%20cultural%20sul%2Dcoreana>. Acesso em: 25 maio 2024

ESTAÇÃO VII

NOVO CINEMA COREANO

Enquanto estamos revendo o florescimento do cinema na Coreia do Sul, vamos seguir em frente e nos sentar em uma sala de cinema mais moderna e com assentos mais confortáveis para compreender como a indústria cinematográfica do país passou por um renascimento em 1993. O livro *New Korean Cinema* (CHI-YUN SHIN e JULIAN STRINGER, 2005) faz uma boa análise sobre a mudança da indústria. Logo nas primeiras páginas, a obra fez a importante ressalva de quando falamos de cinema coreano nos referimos às produções sul-coreanas, uma vez que não há informações sobre o audiovisual norte-coreano e não sabemos que tipos de produtos são feitos.

Foi no alvorecer no milênio que os filmes sul-coreanos ganharam destaque internacional e outros países começaram a se interessar

por obras do leste asiático. O final da década de 1990 e o começo dos anos 2000 entregou uma série de títulos que marcariam profundamente o "fazer cinema" do país. Alguns dos títulos mais relevantes e importantes para esta nova fase da indústria são *Chibwaseon* (2002), *Oasis* (2002), *Old Boy* (2003), *Friend* (1999), *Spring, Summer, Fall, Winter and Spring* (2003) e *The Way Home* (2001). Obras como estas foram premiadas em festivais, tiveram seus DVD sendo circulados em outros países e até pirateados (eu pessoalmente gosto de pensar que é possível notar o quando um longa-metragem está fazendo sucesso quando ele é pirateado, demonstrando o desejo que as massas possuem em vê-lo mesmo não tendo condições financeiras de adquirir o original).

Hollywood não teve como ignorar a mudança no mercado e, ao invés de competir, optou por adquirir. Produtoras foram atrás dos direitos de obras sul-coreanas como *My Sassy Girl* (2001) e *A Tale of Two Sisters* (2003) com o objetivo de fazer *remakes* - afinal, o norte-americano prefere pegar um roteiro estrangeiro e transformar em algo seu do que simplesmente ver um filme dublado ou com legendas. É fato que os estadunidenses sabiam muito bem do sucesso das obras sul-coreanas, mas, ainda assim, havia uma escassez de críticas sobre estas produções até recentemente, quando se começou a levar mais a sério os produtos artísticos do país.

New Korean Cinema (CHI-YUN SHIN e JULIAN STRINGER, 2005) considera que o "velho cinema coreano" vai até o começo da década de 1990. Pesquisadores usam o filme *Seopyeonje*, lançado em 1993, como um divisor de eras. A produção de drama musical dirigida por Im Kwon-taek foi escrita quando a indústria audiovisual da Coreia do Sul estava prestes a romper as fronteiras do país. Neste momento, nasce uma nova forma de arte comercial que se torna commodity e instrumento de soft power. Mais do que um produto de expressão, é um produto que pode ser exportado e usado como forma de alavancar a economia. Porém, não podemos dizer que isso aconteceu de repente, pois o cinema coreano possui todo o seu passado e história que acompanhou as mudanças culturais e políticas que aconteceram na nação. A Coreia do Sul foi governada por regimes militares após o golpe de Estado em 1961. A transição para a democracia começou em 1987 quando uma série de protestos levaram à primeira eleição presidencial direta, que colocou um ex-general no poder. Foi apenas em 1992 que o país elegeu pela primeira vez um presidente civil e finalmente conseguiu consolidar um governo democrático. É claro que este novo momento teria influência nas indústrias culturais.

Agora vamos à exibição de quatro filmes que considero serem os mais importantes para quem está buscando mergulhar em águas pacíficas e conhecer as produções sul-coreanas. Na contracapa do

livro, você encontrará um *QR code* com as melhores cenas e *trailers* das produções. Abaixo, deixo as minhas críticas sobre cada um dos títulos, mas já aviso que elas conterão grandes *spoilers*.

1. SEOPYEONJE COMO A PRIMAVERA CINEMATOGRAFICA

Seopyeonje é lançado no dia 10 de abril de 1993, marcando o início do Novo Cinema Coreano. O longa-metragem é dirigido por Im Kwon-Taek com roteiro de Kim Myung-gon e chegou para mostrar a potência da cultura nacional na indústria cinematográfica. Apesar de ter sido exibido com poucas expectativas de retorno, o filme conseguiu quebrar recordes de bilheteria e superar produções Hollywoodianas, atraindo reações positivas instantaneamente.

Sopyeonje é um filme que surpreendentemente conseguiu me fascinar e me manter presa à história. O filme começa de forma calma, devagar e simples. Não há trilha sonora elaborada preenchendo todos os momentos, o silêncio possui seu devido e digno lugar. Não são usados diversos jogos de câmeras, com movimentos perfeitamente coreografados, múltiplos ângulos para a mesma cena ou inúmeros cortes no mesmo diálogo.

Logo nos primeiros segundos, fui convidada a viajar até o interior da Coreia do Sul na década de 1960, quando a nação vivia uma constante batalha entre o tradicional e o “moderno”. As montanhas se apresentam de forma imponente e uma mulher uma voz feminina é ouvida cantando brevemente. Um homem, equipado com sua pasta de couro, trench coat e suéter desembarca de um caminhão que carregava madeira em uma cidade em que os cidadãos ainda vestem hanbok (roupa tradicional coreana) e andavam de charretes. As ruas são de terra batida, as casas são simples, e o cenário varia nos diferentes tons de bege. Apenas aquele homem veste uma cor viva, o que o faz se destacar ainda mais. Apesar de claramente ser alguém de fora, ele não age como turista e parece saber muito bem onde está. O sujeito pede por um quarto para passar a noite em uma hospedagem chamada “Hospedagem das Músicas”, localizada na “Colina das Músicas”.

Antes mesmo de dormir, ele pergunta à mulher, que trabalha como cantora tradicional, se o nome da hospedagem está relacionado à história do local. Ela é questionada se alguém cantava ali antes dela e, percebendo que o homem estava em busca de uma pessoa específica, confessa que a colina e a hospedagem foram nomeadas em homenagem a seu antecessor e que aprendeu a cantar com a filha dele. Mostrando entusiasmo, o homem pede então que ela cante enquanto ele toca um tambor

buk. Ali, nos primeiros cinco minutos da produção ouvimos pela primeira vez o pansori.

O livro Fatos sobre a Coreia (MINISTÉRIO DA CULTURA, ESPORTES E TURISMO DA COREIA DO SUL, 2013), diz que o “pansori é um gênero musical de narração de histórias, desempenhado por um vocalista com o acompanhamento de um tambor. Estas músicas épicas populares de solo, caracterizadas por canção expressiva, fala estilizada e gestos mímicos, abraçam tanto a cultura aristocrática quanto a folclórica. Pansori¹⁸ é uma palavra composta de “pan” (um lugar público onde as pessoas se reúnem) e “sori” (som). A performance pode durar até 8 horas e um cantor ou uma cantora improvisa textos que combinam dialetos rurais com expressões literárias eruditas. A armação de palcos, figuras e situações que compõem o Pansori, enraizaram-se no período da Dinastia Joseon (que existiu entre 1392 e 1897)”.

Na Coreia, é comumente dito que a mais bela canção pansori é capaz de fazer o coração do ouvinte parar de bater. As músicas nada mais são do que histórias cantadas de forma profundamente carregada de emoção, interpretando cada uma das passagens e mudando o tom de voz para expressar amor, morte, tradição e

¹⁸ O vídeo no YouTube Pansori: South Korea's Authentic Musical Storytelling traz a cantora Ahn Sook Sun contando um pouco sobre o Pansori e performando uma música. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=8Kt7YdXsWzg&t=80s>

honra. As performances não possuem o intuito de exibir qualidades vocais, mas sim de abraçar todas as manifestações da experiência humana. Os cantores passam através de gerações histórias que começaram a ser cantadas no século XXVII. No dia 7 de novembro de 2003, o pansori foi reconhecido pela UNESCO como Legado Cultural Intangível da Humanidade.

Ele alterna momentos de contenção e de liberação de todos os sons possíveis da voz humana. Para os cantores, é necessário dominar o *Han*¹⁹, palavra esta que não pode ser traduzida para nenhum outro idioma e apenas faz sentido em coreano. Apesar de terem sido feitas muitas tentativas de explicar o que ela representa, só é possível entender através da experiência. O *Han* seria similar a um sentimento profundo de desespero e tristeza, próximo a um luto. O colunista Jon Huer escreveu ao *The Korea Times* que se trata de um conceito “unicamente coreano” que explica muito sobre o “jeito coreano”²⁰. Já John M. Glionna declarou ao *The Los Angeles Times* que é uma “tristeza infável de ser coreano” e afirmou que “para os de fora, compreender a

¹⁹ Palavra derivada do caractere chinês 恨, que significa ressentimento, ódio ou arrependimento.

²⁰ Psychology of Korean Han. Disponível em: https://www.koreatimes.co.kr/www/nation/2024/08/638_41770.html
Acesso em: 16 jun. 2024

noção é a chave para entender os próprios coreanos”²¹. O filme *Seopyeonje* nos leva em uma jornada para entender que cada um carrega *Han* dentro de si e nos ensina a importância de transcender a dor.

A partir do encontro com a moça da hospedagem, começamos a saber mais sobre a história do homem. O filme começa a alternar entre passado e presente conforme as informações sobre o paradeiro da mulher que ele procura são dadas. Primeiro descobrimos que ele se chama Dong-ho, era filho de uma viúva que se apaixonou por um cantor de pansori chamado Yu-bong, que também viúvo e tinha uma filha adotada, cujo nome era Song-hwa. Após os quatro formarem uma família, a mãe engravida, mas morre no parto. É confirmado que o cantor que deu nome à hospedagem realmente era Yu-bong e que a cantora aprendeu as músicas com Song-hwa, mas causa surpresa ao contar que a última vez que a viu ela estava cega e havia muitos rumores sobre o que a levou a perder a visão.

Algumas pessoas acreditavam que Yu-bong cegou a filha para ter certeza de que ela nunca o abandonaria, enquanto outros diziam que ele queria causar grande sofrimento no coração de Song-hwa para potencializar seu *Han* e fazer com que ela fosse a melhor

²¹ A complex feeling tugs at Koreans. Disponível em: <https://www.latimes.com/archives/la-xpm-2011-jan-05-la-fg-south-korea-han-20110105-story.html> Acesso em: 16 jun. 2024

cantora de pansori. Em um mergulho nas memórias de Don-ho, acompanhamos a infância dele e vemos como seu pai tentou ensinar os filhos a arte do pansori. Ele era um cantor que viajava por cidades para realizar performances, mas acaba ouvindo de um amigo que o estilo tradicional coreano estava em decadência e não era mais possível ter uma renda com ele, pois as pessoas estavam consumindo músicas japonesas ou ocidentais. Dong-ho não suportava a miséria em que vivia, então deixou o pai e a irmã. Anos depois, ele tenta reencontrar Song-hwa.

O filme possui muitas camadas, trabalha com o tempo psicológico do personagem, seguindo o fluxo de suas memórias e mostrando flashbacks do passado sempre que uma nova figura menciona Song-hwa. O longa-metragem retrata a Coreia dos anos 1960, que enfrentava uma batalha diária entre tradicional e moderno. Enquanto muitos ainda persistiam em suas profissões, outros sucumbiam às novas normas sociais. Enquanto as vilas ainda usavam roupas tradicionais, as cidades já vestiam ternos ocidentais. Para os cantores de pansori, havia a necessidade de manter viva a cultura através da voz, mas para isso era necessário transcender a dor e usar os sentimentos de forma produtiva.

Em um momento chocante, Dong-Ho descobre como Song-hwa realmente ficou cega. Após ele deixar a família, a irmã entrou em uma depressão profunda, deixou de comer e até cantar pansori,

que era a sua maior paixão. Diante da situação, Yu-bong questiona um amigo se era possível perder a visão por overdose de acônito. Ele decide colocar uma alta quantidade da planta nos remédios da filha, o que faz com que ela não consiga mais enxergar. Um tempo se passa e Song-hwa pede para aprender Shimcheong-ga, uma das cinco histórias sobreviventes da tradição coreana de contar histórias pansori. As outras histórias são Chunhyangga, Heungbuga, Jeokbyeokga e Sugungga.

Ela treina incessantemente a música, tentando atingir a forma certa de contar a história, mas sem sucesso. Yu-bong então a aconselha que para cantar *Seopyeonje* é necessário sentir profundamente o *Han*, como se seu coração estivesse sendo esculpido. Ele dizia que atingir agudos sem emoção não era diferente de gritar. O *Han* de uma pessoa vem das feridas que se acumulam aos poucos em seu coração ao longo da vida. Viver é acumular *Han* e acumular *Han* se torna sua vida. Antes de morrer, ela explica que *Dongpyeonje* soa pesado e claro, enquanto *Seopyeonje* é melancólico e repleto de tristeza, mas se ela for além do *Han* não há diferença. Há apenas um estado que transcende tudo.

É apenas no final do filme que vemos Song-hwa cantar Shimcheong-ga inteira pela primeira vez. Yu-bong finalmente encontra onde está a irmã e pede para que ela apresente a história,

sem se identificar. Ele explica que viajou de longe procurando a grande cantora de pansori e que poderia ouvi-la a noite toda. Ele pega o tambor e a acompanha na música. Song-hwa canta com tamanha emoção que chora, e leva o público a chorar com ela. É possível sentir todas as dores, amores, lutos e tristezas que semeiam os versos e a sensação é de que seu coração para enquanto ouve. A cena mostra apenas os dois sentados em uma sala enquanto se deixam levar por Shimcheong-ga. Essa simples e profunda visão causa arrepios e nos faz finalmente entender o poder do *Han*.

A música acaba e eles se separam. Song-hwa confirma ao dono da hospedagem em que ela estava que sabia que aquele era o irmão que ela tanto esperou reencontrar e que o reconheceu assim que sua voz foi combinada ao som tambor de Dong-ho, que toca como o pai. Apesar disso, ambos fingiram não se conhecer e seguiram caminhos diferentes. Ela explica que talvez eles não quisessem machucar seu *Han*, cujo vínculo foi quebrado na última noite através do pansori.

O filme mostra de forma simples, porém tocante, a dor que os coreanos carregam no coração e como eles usam as tradições como forma de se fortalecer e manter a cultura viva. A voz de um cantor de pansori, carrega o *Han* de todas as gerações que vieram antes dele e conta histórias de uma nação milenar, marcada por

muitas tragédias. Apesar do tom triste, as canções de pansori geralmente possuem finais felizes, mostrando como os personagens transcenderam os sofrimentos. É em um país que passou pela ocupação japonesa, teve suas artes censuradas e suas relíquias roubadas, entrou em governos militares e teve que lidar com a onda ocidental, que uma menina luta para cantar histórias de pansori e domar sua dor.

No capítulo *Shameful Bodies, Bodily Shame: Comfort Women and Anti-Japanism in South Korea* do livro *Anti-Japan: The Politics of Sentiment in Postcolonial East Asia* (LEO T. S. CHING, 2019), Leot T. S. Ching afirma que o *Han* surge da intersecção de dois aspectos da história moderna da Coreia do Sul: a inabilidade de articular a imensurável experiência da modernidade, e o lamento da perda de um passado seguro imaginado no curso da modernização comprimida. O crítico Chungmoo Choi ressalta a problemática por trás do homem que colonizado que provoca cegueira em sua própria filha como forma de atingir perfeição em um artefato cultural nacionalista, colocando a mulher no papel de salvadora da nação:

“O filme tenta sublimar o nacional *Han*, recuperando um meio de comunicação pré-colonial e estético, o pansori, pois uma mulher vitimizada que carrega o fardo de reivindicar a identidade

nacional. A mulher vitimizada é atribuída ao papel de redentora da nação.”

Desta forma, a obra retrata o sentimento de luto enfrentado pelos coreanos na era pós-colonial e o ódio nutrido pela devastação cultural causada pelos japoneses durante a sua ocupação. Diferente do processo de colonização realizado por Portugal, onde o Brasil servia como uma colônia de exploração, o Japão dominou a península com o objetivo de expandir seu império e território, tendo chegado a forçar os coreanos a abandonarem seu idioma nativo e se comunicarem em público em japonês. No livro *New Korean Cinema* (CHI-YUN SHIN e JULIAN STRINGER, 2005), Michael Robinson discorre sobre como o império anexou a Coreia com o objetivo de longo-prazo de assimilar a nação à sociedade japonesa. A ideologia da época buscava a destruição da cultura nativa, seu idioma, morais, costumes e todos os aspectos que tornavam os coreanos diferentes dos japoneses. Após uma década de repressão cultural total, o Japão permitiu uma quantidade limitada de expressão cultural nacionalista na imprensa nativa, indústria editorial, filmes, artes visuais, dança, teatro e música. Porém, os coreanos deveriam tomar cuidado para não desafiar a autoridade japonesa e poderiam apenas escrever suas histórias e estudar seu idioma, pois qualquer crítica seria censurada e vista como resistência política.

As quase duas horas do longa-metragem nos levam a refletir sobre a importância das tradições e como há patrimônios culturais que nenhuma revolução ou ocupação será capaz de apagar. Mesmo que registros físicos sejam confiscados, as histórias ainda serão contadas através dos lábios de quem as viveu e passadas àquelas que as viverão, as memórias serão eternizadas nos corações dos descendentes de uma melancolia que se soma ao *Han*, conceito que apenas o coreano possui e é capaz de entender. A nós, resta admirar e se emocionar com o choro do pansori.

Devido ao grande sucesso, o diretor acabou o pansori como narrativa nos filmes *Chunhyang* (2000) e *Beyond the Years* (2007), que seria um spin-off informal de Seopyeonje, mas acabou não tendo o mesmo impacto.

2. OLDBOY E GENIALIDADE DAS NARRATIVAS SUL-COREANAS

Em *Oldboy*, lançado em 2003, o protagonista Dae-Su passa por uma sucessão de sofrimentos que levam a uma jornada por vingança. O longa-metragem dirigido por Park Chan-Wook é outra produção que marcou o cinema sul-coreano e desenhou um novo modelo de narrativas, o filme incorpora os gêneros de mistério, suspense, drama e ação em uma narrativa baseada no mangá japonês de mesmo nome. Apesar de a história não ser de

origem da Coreia do Sul, foi a genialidade do diretor que levantou aspectos da cultura nacional, exaltou as produções locais e colocou Oldboy entre os melhores filmes já feitos no cinema asiático.

A trama retrata a angustiante e intrigante história de Oh Dae-Su, um empresário que no ano de 1988 acaba em uma estação policial por estar bêbado e perde o aniversário de sua filha. Após seu amigo ir buscá-lo, ele acaba sequestrado e acorda em um quarto completamente fechado e sem janelas, onde a comida é entregue através de uma portinha pequena. Sua única forma de interação com qualquer aparelho de comunicação era uma televisão, através da qual o protagonista descobre que sua esposa foi assassinada e ele é o principal suspeito.

Dae-Su passa anos preso em cativeiro, tentando entender quem o sequestrou, por qual motivo tentaram o incriminar e o que estava acontecendo no mundo exterior. Tomado por sofrimento, ele tenta se matar diversas vezes, mas sempre acabava sendo mantido vivo por seus raptos. Mantendo a rotina solitária todos os dias, ele pensa em planos de fuga, lentamente cava um buraco na parede, elenca todos os seus possíveis inimigos, treina luta e sonha com o dia em que finalmente será liberto. Porém, quando finalmente chega o momento, ele não ocorre como o esperado.

Em 2003, após passar 15 anos preso no quarto, Dae-Su é sedado e hipnotizado. O protagonista acorda no terraço de um prédio desconhecido e acaba recebendo dinheiro e um telefone de um homem na rua. Enquanto divaga pelas ruas e aproveita para testar suas habilidades de luta, ele acaba entrando em um restaurante japonês, onde conversa com uma jovem chefe chamada Mi-Do. Naquele momento, o homem mostra que o longo período encarcerado fez com que ele perdesse boa parte de suas habilidades sociais e adotasse comportamentos agressivos e animais. Em uma cena que causa profundo incômodo no telespectador, ele segura um polvo vivo com as mãos, o coloca na boca e mastiga, como se estivesse comendo um pedaço de pão. Logo em seguida, acaba desmaiando e é socorrido por Mi-Do, que o leva para sua casa.

Apesar do ato de gentileza, Dae-Su tenta estuprar a jovem e depois ameaça fugir do apartamento. O homem acaba se arrependendo, retorna e se reconcilia com a moça, que acaba lhe oferecendo abrigo. Após o choque inicial de estar de volta à sociedade, o protagonista percebe que era hora de tentar descobrir o que aconteceu com a sua filha, quem o sequestrou e qual a intenção por trás de tentar incriminá-lo por um assassinato que não cometeu. Com a ajuda de Mi-Do, ele descobre que a filha foi adotada e não consegue traçar seu paradeiro. Sua única pista para descobrir a pessoa por trás de seu rapto são guiozas que ele comia

todos os dias e ainda conseguia lembrar do gosto. Se encontrasse o restaurante que os servia, conseguiria descobrir o quarto em que foi aprisionado e dali desvendar o restante do mistério. Quando finalmente encontra, Dae-Su fica confuso ao perceber que o quarto era apenas um de centenas em um hotel que mantinha pessoas em cárcere por razões desconhecidas.

Completamente enraivecido, Dae-Su entra em uma briga com os guardas do local, tortura um deles, recebe a pista de que teria sido sequestrado por “falar demais” e eventualmente recebe a informação de que o homem que o sequestrou é Lee Woo-jin. O milionário faz um desafio: Se Dae-Su conseguir descobrir em cinco dias o motivo de sua captura, ele se mataria; do contrário, mataria Mi-Do.

Uma série de eventos se desenrola, o protagonista acaba tendo um envolvimento sexual com a jovem chefe e mergulha em suas memórias atrás de respostas. Após muito refletir, ele lembra de um episódio que aconteceu quando estava na escola e viu Woo-jin se envolvendo romanticamente com sua irmã Lee Soo-ah. Dae-Su conta a fofoca ao seu amigo e, em pouco tempo, todos acabam sabendo do escândalo de incesto. A repercussão leva Soo-ah a cometer suicídio e Woo-Jin culpa Dae-Su pela perda, fazendo com que ele o marque como inimigo e decida arquitetar um logó e

elaborado plano de vingança para fazer com que o protagonista passe pela mesma dor.

Quando os dois finalmente se confrontam, uma enorme reviravolta é apresentada. O *plot twist* do filme é completamente inesperado e surpreendente, ao mesmo tempo em que causa profundo incômodo e estranheza no público. Woo-jin revela que Mi-Do é a filha de Dae-Su e durante o seu cárcere o hipnotizou para que fosse até o restaurante em que ela trabalha para que os dois se encontrassem e tivessem um envolvimento. Sem conseguir processar a informação, tomado pela angústia, enojado por ter cometido incesto contra a própria filha e completamente desesperado, Dae-Su implora que Mi-Do nunca saiba da verdade e corta a própria língua como ato de penitência. Woo-jin aceita o pedido de perdão, deixa o local e acaba dando um tiro na própria cabeça ao lembrar de sua irmã.

Um tempo se passa, Dae-Su está à beira da morte e pede à pessoa que costumava o hipnotizar que apague de sua mente a memória de que Mi-Do é sua filha. As cenas finais mostram o protagonista em silêncio na neve, enquanto sua filha o encontra, confessa seu amor, o abraça e Dae-Su mostra uma expressão melancólica.

O filme é centrado em um sentimento profundo de ódio, desespero e sede por vingança. As dores são o que movimentam a narrativa e levam o protagonista a correr em busca do passado

para entender o presente e tentar salvar seu futuro. Tanto em *Oldboy*, quanto em *Seopyeonje*, mesmo após a procura incessante por respostas, os personagens decidem trilhar caminhos diferentes do que o esperado pelo público e prezam pela paz de seus espíritos, não por um tradicional final feliz. Porém, com abordagens e motivações completamente diferentes.

Oldboy chega para consolidar o que *Seopyeonje* começou: o reconhecimento mundial. Trazendo um outro lado da moeda, ele não tem como aspecto principal a exaltação de um elemento cultural sul-coreano, mas apresenta a capacidade de produzir narrativas de suspense unicamente asiáticas que mantêm o público preso do início ao fim. A forma como a narrativa é contada provoca não apenas desconfortos psicológicos como reações físicas no espectador, ao mesmo tempo em que gruda olhares na tela e faz as pessoas pedirem por mais. A genialidade levou o filme a ser exibido no Festival de Cannes e se tornar o primeiro longa-metragem sul-coreano a vencer o Grand Prix e ser indicado ao Palma de Ouro. *Oldboy* moldou toda uma nova geração de cineastas, que se inspiraram na produção e mergulharam nos gêneros de ação.

Lançado no auge da era do DVD, *Oldboy* foi comercializado em grande escala e adentrou diversos países ao redor do globo. As vendas foram estáveis e permaneceram por um longo período,

mostrando que as obras da Coreia do Sul tinham tudo para serem blockbusters. Neste momento também surge uma realização para o mundo ocidental: estava na hora de derrubar os estereótipos e entender que Japão, China, Hong Kong e Coreia do Sul são países de culturas completamente distintas e isso, obviamente, refletia no audiovisual.

A revista *The Hollywood Reporter* destaca que a veterana de vendas Youngjoo Suh, que negociou a distribuição internacional de *Oldboy*, disse que o sucesso do longa-metragem foi um divisor de águas para o cinema sul-coreano:

“Foi o primeiro exemplo de um filme coreano ganhando aclamação global. As ofertas de distribuição e *remake* começaram a chegar, e mais financiadores de filmes começaram a chegar à Coreia. *Oldboy* realmente aumentou o interesse do mundo no cinema coreano²².”

O veículo ainda traz uma fala do diretor Park Chan-Wook refletindo sobre como, apesar de já terem se passado mais de 20 anos desde o lançamento, *Oldboy* ainda não deixou de falhar em arrancar grandes reações de quem o assiste:

²² ‘Oldboy’ at 20: How Park Chan-wook’s Violent Mind-Bender Kickstarted the Korean Wave. Disponível em: <https://www.hollywoodreporter.com/movies/movie-features/oldboy-at-20-park-chan-wook-film-korean-wave-1235559009/> Acesso em: 15 ago. 2024

“Eu queria fazer algo que parecesse muito real. Eu disse desde o início, eu queria que o filme fosse sentido fisicamente, não apenas emocionalmente. Eu queria que o público ficasse cansado quando eles terminassem o filme. Eu queria que seus corpos estivessem cansados”.

O cineasta também trouxe mais um importante questionamento: “Eu gosto desse tipo de experiência. Eu não sei como as pessoas podem encontrar qualquer diversão em assistir filmes irracionais. Se você quer um descanso tranquilo, tome um banho. Por que ir ao cinema?”

3. THE WAILING E A CONSAGRAÇÃO DO TERROR

Park Chan-wook estava certo sobre a sua teoria de que o segredo para atrair o público é tirar as pessoas de seu descanso e entregar uma obra intrigante. *The Wailing* é próxima na lista de produções sul-coreanas que quebraram barreiras e estabeleceram novos parâmetros de gênero. O terror dirigido por Na Hong-jin e lançado em 2016 chegou a ser lançado nos cinemas brasileiros pela California Filmes e teve DVDs *Blue-ray* comercializados, tamanho foi seu alcance mundial.

Apesar de ser um longa-metragem de 156 minutos de duração, o espectador não nota o tempo passando e se vê completamente

absorto naquele universo. Fugindo dos clichês Hollywoodianos, a narrativa não apresenta jump-scares e apresenta uma história 100% sul-coreana que apenas poderia acontecer em uma vila interiorana do país. O espectador é levado a desvendar o mistério junto com o protagonista e muitas vezes se vê fazendo as mesmas perguntas que ele, na tentativa de entender tudo o que está acontecendo. Se em muitas produções a falta de informações prejudica o roteiro e causa desinteresse, em *The Wailing* ela é crucial e exatamente a característica que torna o filme tão atraente.

Quando um misterioso homem japonês e seu cachorro chegam em Gokseong, localizada na região montanhosa da Coreia do Sul, uma infecção começa a tomar conta da vila e transforma as pessoas em espécies de zumbis violentos que violentamente matam suas famílias e posteriormente acabam morrendo. O policial Joong-Goo investiga os casos como parte de seu trabalho, mas apenas começa a entrar mais a fundo quando sua filha Hyo-jin parece ter sido infectada. O espírito de proteção paternal faz com que o homem seja tomado de uma grande raiva e indignação que o leva a perseguir o homem japonês, pedir a ajuda de um padre que fala o idioma, invadir sua casa atrás de provas e assassinar seu cachorro como forma de tentar salvar a filha após perceber que o estrangeiro colecionava itens das vítimas e o sapato de Hyo-jin estava entre eles.

Inicialmente, Joong-Goo parecia ser apenas mais de uma das pessoas da vila aos olhos do japonês e não despertava interesse particular. Hyo-jin também não era um dos piores casos de infecção, ela demonstrava comportamento agressivo, tinha manchas na pele e parecia estar possuída, mas ainda não havia chegado em um estágio crítico. Porém, a atitude contra seu animal de estimação é o que parece fazer com que o estrangeiro decida colocar a menina como um de seus alvos. Logo após o assassinato do cachorro, uma cabra preta com os órgãos para fora é pendurada na entrada da casa do policial. Uma mulher chamada Moo-myung (que pode ser traduzido como “sem nome”) diz ao protagonista que o japonês era um espírito maligno. Relatos de moradores e sonhos de Joong-Goo ainda mostram o homem comendo carcaças de animais e com os olhos vermelhos. Apesar de já ter se passado mais de uma hora do filme, nada se sabe ainda sobre o estrangeiro ou sobre a doença misteriosa.

No decorrer do longa-metragem, Jong-Goo tenta incessantemente salvar a filha e chega a recorrer a um xamã para praticar um exorcismo nela ao acreditar que se tratava de uma possessão. O mestre espiritual alega que o japonês é um demônio, mas ele tem como ajudar a menina. Ao ver o sofrimento da filha em um dos rituais, o policial não aguenta, interrompe o momento e a leva ao hospital. No dia seguinte, junta os amigos para caçar o estrangeiro, mas acabam sendo atacados no caminho por uma das

vítimas que está em um estado semivivo. Ao retornarem à estrada, o corpo do japonês atinge o vidro da caminhonete. Acreditando que ele estava morto, o grupo o joga de um penhasco e segue o caminho.

O comportamento do xamã começa a ficar suspeito após ele vomitar sangue ao ver Moo-myong e fugir da vila após ser atacado por diversos insetos que voam em sua direção. Ele muda a narrativa, liga para o policial e diz que a mulher é o demônio que possuiu sua filha. Nisso, Hyo-jin desaparece e Jong-goo encontra Moo-myung, que diz que o japonês estava vivo e foi atrás de sua filha, mas ela havia montado uma armadilha em sua casa para prender o demônio e pede que o policial não se aproxime da residência até receber um sinal. Desconfiado, ele ignora o aviso, corre para ver Hyo-jin e encontra sua mãe e esposa mortas pela filha, que o ataca. O xamã chega à cena sangrenta, tira fotos e leva o público a descobrir que ele estava o tempo todo trabalhando com o japonês.

Aos poucos, o espectador começa a juntar as pistas e percebe que o estrangeiro era um demônio que foi à vila para causar destruição, possuindo os moradores e os levando a matar suas famílias. Ele não tinha Hyo-jin como alvo, mas decidiu contar com a ajuda do xamã para completar o processo de possessão na menina por conta das atitudes do policial. Os rituais não eram

para salvar a menina, mas sim para instaurar o espírito maligno em seu corpo e completar o plano do japonês, que no final revela sua verdadeira forma com os olhos vermelhos.

O fato de um homem japonês representar devastação e maldade em sua mais pura seria a perpetuação do ódio sul-coreano pós-colonização? Representado como um demônio, ele não possui motivação para seus atos e apenas calmamente acaba com as vidas de cada um dos moradores, levantando um questionamento sobre a herança de ressentimento que a sociedade da Coreia do Sul ainda carrega quase 80 anos após a independência do Japão. Se o estrangeiro nunca tivesse chegado à cidade, ninguém teria morrido brutalmente, perdido parentes ou passado por uma dor imensurável.

Assim como *Seopyeonje* e *Oldboy*, *The Wailing* também foi exibido no Festival de Cannes e rendeu ótimas críticas. Jada Yuan escreveu ao *site Vulture*²³ que os sul-coreanos estão “operando em um nível que faz com que a maioria do cinema americano pareça desajeitado e sem imaginação”. Ela ainda ressalta:

“Estamos tão condicionados a aceitar o horror como um gênero de emoções baratas que é quase um choque experimentar a

²³ No Chicken Is Safe in the Insane Korean Occult Murder Mystery *The Wailing*. Disponível em: <https://www.vulture.com/2016/05/insane-joys-of-korean-bloodbath-the-wailing.html>. Acesso em: 15 ago. 2024

imersão profunda e as recompensas que acompanham uma dedicação ao realismo e à construção meticulosa do mundo. Estes são valores de produção que no cinema americano só seriam vistos em candidatos ao Oscar.”

Phill Hoad, do *The Guardian*²⁴, elogiou o trabalho de Na Hong-Jin e descreveu o cineasta como um possível sucessor de Park Chan-wook e Bong Joong-ho pela forma como navegou com maestria pelo gênero e conseguiu “invocar o mal diante de seus olhos” ao apresentar a narrativa.

“As camadas de dissimulação e autodesmontagem se acumulam tão densamente que não só Na evidentemente toca em algo integral sobre a natureza do mal, mas, na verdade, parece estar no processo de invocá-lo diante de seus olhos.”

4. PARASITA E A CONCRETIZAÇÃO DO RECONHECIMENTO INTERNACIONAL

2020 foi o ano em que Bong Joon-ho fez história. O diretor, que é um dos maiores nomes do cinema sul-coreano, subiu ao palco do Oscar para receber o prêmio de melhor filme com *Parasita*.

²⁴ The Wailing review – Korean horror flick takes fear to the brink of an abyss. Disponível em: <https://www.theguardian.com/film/2016/nov/24/the-wailing-review-evocation-evil-korean-director-na-hong-jin-rural-horror> Acesso em 15 ago. 2024

Todos que presenciaram o momento sabiam que estavam vendo história acontecer diante de seus olhos, pois esta foi a primeira vez que um longa-metragem de um idioma que não seja o inglês conquistou a vitória na principal categoria da premiação.

De repente, não havia mais como ignorar as produções sul-coreanas ou sustentar a ilusão de que se tratava de um nicho. Um filme que retratava as problemáticas da Coreia do Sul, fazia uma crítica à desigualdade social e expunha tudo o que havia de mais sombrio na sociedade daquela nação, estava sendo aclamado mundialmente e saindo do Oscar 2019 como o mais premiado da noite. Vale lembrar ainda que, antes dele, nunca um filme da Coreia do Sul havia sido indicado pela Academia.

A trama começa mostrando a vida da família Kim, que mora em um apartamento abaixo do nível da rua, se assemelhando a um porão. Eles sofrem para conseguir dinheiro e sonham com um futuro de muita fortuna. Min-hyuk, um estudante universitário, dá a família uma pedra que simboliza riqueza e anuncia que vai estudar no exterior. Ele sugere que Ki-woo, o filho dos Kim, finja ser estudante para ficar com seu trabalho como professor particular de inglês para Da-hye, filha da família Park, de alto poder aquisitivo. Ki-woo então ajuda o irmão a falsificar um diploma e ele consegue o emprego.

É a partir daí que todos os familiares entram em um grande esquema, em que cada um deles mente para conseguir um emprego na mansão dos Park. Ki-woo recomenda Ki-jung, que usa o nome falso de Jessica, para ser uma terapeuta artística para o filho da família Park, Da-song. Ela então faz com que o *chauffer* acabe sendo demitido, para que seu pai, Ki-Taek, se candidate como motorista. A última a entrar é a mãe, Chung-sook, que consegue a vaga de governanta após a antiga, Moon-gwang, acabar sendo demitida.

Todos eles então começam a desfrutar das regalias de se trabalhar na casa de uma família da alta sociedade enquanto os Park aproveitam uma viagem. Tudo começa a desandar quando um dia Moon-gwang bate na porta dizendo que esqueceu algo no porão. É neste momento que ela entra em uma passagem secreta até um *bunker*, onde seu marido, Geun-sae, estava morando escondido e saía apenas para roubar comida. Ela implora, sem sucesso, que Chung-sook a ajude a mantê-lo escondido em troca de pagamentos. O restante da família Kim presencia a situação, Moon-gwang descobre que eles são parentes e ameaça expô-los.

Os Park avisam que retornarão mais cedo da viagem por conta das fortes chuvas. Para impedir que descubram toda a farsa, os Kim amarram Moon-gwang e seu marido no porão e se escondem debaixo da mesa da sala quando ouvem que a família rica estava

entrando na mansão. É neste momento que presenciam uma série de comentários elitistas do casal que os emprega. Após conseguirem escapar, eles retornam para seu apartamento, mas descobrem que o local havia sido inundado pela tempestade e precisam se abrigar em um ginásio com outras vítimas da chuva.

No dia seguinte, a senhora Park organiza uma festa de aniversário para seu filho, mas a comemoração rapidamente toma um rumo sangrento. Os Kim são convidados da festa e Ki-woo tenta entrar no bunker para matar Geun-sae e Moon-gwang, porém vê que a mulher já estava morta e acaba sendo atacado pelo marido dela. Dali em diante, ocorrem uma série de ataques entre os Kim e o homem. Em meio à toda a confusão, Ki-taek mata o Senhor Park e foge.

Semanas após a festa sangrenta, é revelado que Ki-jung morreu, Ki-taek desapareceu e Ki-woo se recupera de uma cirurgia cerebral. Ele e a mãe ainda enfrentam condenações por fraude. Após ser colocado em condicional, ele vai à mansão para ver como ela estava. O local passou a ser habitado por uma família estrangeira. Enquanto olhava, nota uma luz enviando uma mensagem em código morse, revelando que Ki-taek havia se escondido no bunker. O filho então promete que um dia conseguirá dinheiro suficiente para comprar a mansão e libertar o pai.

Marc Reymond, professor do Departamento da Universidade Kawngwoon, em Seul, chegou a dizer em entrevista à *BBB News Brasil*:

"Parasita é um filme excelente, feito por uma indústria excelente. Era vergonhoso que nenhum filme sul-coreano tivesse sido ainda indicado ao Oscar. E, de repente, veio uma enxurrada de prêmios. Foi um reconhecimento dos trabalhos feitos há quase duas décadas pelo país"²⁵.

Bong Joon-Ho não possui apenas Parasita em seu currículo de sucessos. O cineasta gosta de abordar temas sociais combinados com um humor ácido em suas obras. *Memórias de Um Assassino*, lançado em 2003, é um de seus primeiros longas-metragens a alcançar sucesso mundial. *O Hospedeiro* (2006) é um de seus maiores clássicos e *Expresso do Amanhã* (2013) recebeu tanto carinho que até gerou uma série de televisão homônima em 2020. O artista também viu *Okja* (2017) ser exibido no Festival de Cannes.

Parasita foi um fenômeno tão grande que surgiram boatos de que a indústria estadunidense estava pensando em lançar um *remake* do filme, mas desta vez em língua inglesa. Muitas críticas foram

²⁵ Apoio do governo, cotas e festivais: como a Coreia do Sul reinventou seu cinema e fez história no Oscar com 'Parasita'. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51420743> Acesso em 20 ago. 2024

feitas à possibilidade, pois como o longa-metragem é uma clara crítica à sociedade sul-coreana e retrata detalhes pouco falados sobre a nação, não faria qualquer sentido tentar projetar esta narrativa em outro cenário ou idioma. Por mais que os norte-americanos não entendam este conceito, o simples ato de tentar mudar um idioma de uma obra é descaracterizá-la e despi-la, pois a língua é reflexo da cultura e identidade de um povo.

O colunista Soongbeum Ahn²⁶ opina que, se *A vingança honrada* é considerada o ponto de partida do cinema coreano, *Parasita* é “a culminação do desenvolvimento do setor através do próximo século”, ao escrever para a revista mensal distribuída revista Ministério da Cultura, Esportes e Turismo da Coreia do Sul. Ele explica que uma das principais características que torna as produções da Coreia do Sul tão atrativas é que elas abordam temáticas universalmente identificáveis ao mesmo tempo em que incorporam elementos da cultura sul-coreana. É a mistura entre o tradicional e moderno que encanta o telespectador, que se depara com enredos que retratam situações que poderiam acontecer em qualquer canto do globo, mas que surgem em cenários especificamente do país asiático.

²⁶ Cinematic Storytelling: Korea at the Movies. Disponível em: <https://www.kocis.go.kr/eng/webzine/202407/sub01.html> Acesso em 25 jul. 2024

Na minha opinião, o que mais me deixa maravilhada quando vejo clássicos sul-coreanos é a imprevisibilidade da narrativa. Eu enfrento uma montanha-russa de emoções enquanto assisto os longas-metragens e acompanho as escolhas inesperadas dos protagonistas, que não me permitem prever o que farão no próximo minuto. Meu queixo vai caindo cada vez mais enquanto fico agradavelmente surpresa com o rumo que o enredo vai tomando. Tenho medo de piscar e perder pistas das próximas cenas ou detalhes que justifiquem o comportamento dos personagens. O roteiro inovador, que foge completamente da narrativa clássica hollywoodiana é tão refrescante que me deixa reflexiva. Sempre me encontro em profundo silêncio após a passagem dos créditos.

ESTAÇÃO VIII

A BELEZA DA DIVERSIDADE

Para discutir cinema conosco, decidi levar nosso trem até uma estação localizada no Rio Grande do Sul, estado no qual reside Josmar de Oliveira Reyes. Você deve lembrar que o nome do professor de Realização Audiovisual da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e pós-doutor em cinema sul-coreano na Universidade Sorbonne, em Paris, já foi mencionado no capítulo anterior. Agora chega a nossa vez de ter uma conversa mais íntima com Josmar.

Profundamente apaixonado pelo audiovisual da Coreia do Sul, ele escreve artigos sobre o tema e ministra o curso O Novo Cinema Coreano, além de já ter sido convidado a participar de palestras no exterior e organizar o primeiro festival de cinema realizado

pela Embaixada da Coreia do Sul no Brasil. Ele começa o bate-papo contando como surgiu o seu amor por *K-Movies*.

“Meu interesse em estudar cinema coreano é muito antigo, quer dizer, ainda é deste século, mas já tem 20 anos. Comecei a descobrir os filmes coreanos aqui no Rio Grande do Sul de repente, porque eu organizava um cineclube e, nesse cineclube, eu trazia filmes de São Paulo, das distribuidoras de São Paulo, como a Imovision, que é o pessoal da Reserva Cultural. Também havia filmes da Mostra de São Paulo, por meio de uma distribuidora chamada Mais Filmes, que tinha um catálogo muito interessante de filmes coreanos. Pouco a pouco, fui descobrindo esses filmes, dentre os quais os primeiros que trouxe para exibir aqui no Rio Grande do Sul foram os filmes do Kim Ki-duk, ‘Primavera, Verão, Outono, Inverno... e Primavera’ e, depois, ‘Casa Vazia’. Aos poucos, fui descobrindo esses filmes coreanos e me dando conta de que eram interessantes, que propunham leituras muito pertinentes e que havia algo de singular e extraordinário no cinema coreano”.

Ao refletir sobre o fenômeno da *Hallyu Wave*, Josmar opina sobre o cenário atual do mercado de produtos culturais sul-coreanos:

“A Coreia não é apenas um fenômeno em termos de cinema; como comentávamos, a *Hallyu*, essa onda coreana, se estende por diversas formas de audiovisual, mas também pela literatura,

música, e até pela gastronomia. Acho que estamos vivendo um grande momento de ebulição coreana no Brasil e no mundo de maneira geral”.

Conto a ele o quanto admiro o processo que o país enfrentou de resgate das tradições, fortalecimento cultural e uso de seus produtos como política de *soft power* após passar por guerras e governos ditatoriais. Disse que, para mim, foi um fenômeno totalmente individual e que só poderia ter acontecido na Coreia do Sul. É neste momento que o professor me apresenta outro ponto de vista. Josmar começa relembrando a história da nação:

“Na verdade, não é bem assim, Bárbara. Eu acho que é mérito deles o fato de apostar nessa reconstrução, porque, se você observar, a história da Coreia é uma história de muita humilhação e opressão. A Coreia passou, até a metade do século XX, sob o domínio japonês, e só deixou de estar sob esse domínio porque o Japão perdeu a Segunda Guerra Mundial. Porém, quando a guerra terminou, o território coreano foi dividido militarmente entre os soviéticos e os americanos, o que resultou na eclosão de uma guerra civil que determinou a divisão da Coreia. E quando a Coreia do Sul tentou se reconstruir, enfrentou uma ditadura militar, como no Brasil na década de 1960, que durou até os anos 1980. Quando essa ditadura terminou, a Coreia estava em

frangalhos, do ponto de vista não só político, mas também econômico”.

Em seguida, fala sobre os investimentos feitos na educação durante a redemocratização do país e aponta que há semelhanças com o Brasil.

“Todo o processo de reconstrução foi, na verdade, mérito dos próprios coreanos, quando decidiram reconstruir seu país. E o que eles fazem? Apostam, obviamente, na educação. Nesse processo de redemocratização, eles focam na educação. Nós passamos por algo semelhante, claro que com uma história diferente, mas com pontos em comum, como o período ditatorial e a reabertura política. No entanto, nossa redemocratização não seguiu o mesmo caminho. O que acontece, então, nessa transformação, nesse momento de mudança de paradigma, é que eles tiveram a oportunidade de repensar o país e organizar essa nova realidade, apostando fortemente na educação. A consequência disso foi o fortalecimento da cultura coreana a partir dos anos 90, e o cinema foi um reflexo evidente dessa transformação, que, sendo educacional, impactou todas as áreas, inclusive a economia”.

O professor detalha que esse casamento entre economia e educação foi crucial para o desenvolvimento do cinema na Coreia do Sul. Pouco a pouco, a nação criou mecanismos para organizar o que não se pode chamar de uma indústria cinematográfica nos

moldes americanos, mas que, do ponto de vista institucional e público, permitiu que o cinema florescesse. Por isso, a partir dos anos 1990, vemos esse boom do cinema coreano, com narrativas inovadoras e um florescimento cinematográfico que até então não havia ocorrido. Segundo ele, isso aparece primeiro para os coreanos, e o primeiro grande reflexo dessa mudança está na identidade, no reconhecimento e na repercussão cultural da Coreia em seu próprio país.

“O impressionante é que eles conseguiram, gradualmente, sair de seu território e conquistar o mundo, não apenas pela música, como o *K-Pop*, mas também pelo cinema, o que culminou com o fato inédito e extraordinário da premiação de ‘Parasita’, de Bong Joon-ho, que quebrou um paradigma do Oscar ao premiar um filme em língua não inglesa como Melhor Filme. Isso foi uma ruptura importante, e você tem razão: foi nos anos 90 que começamos a descobrir e nos apaixonar pela filmografia coreana”.

Confesso a Josmar que inicialmente tive dificuldade em compreender a trajetória do cinema na Coreia do Sul através das décadas e precisei ler muito para compreender o motivo de ele apenas ter se desenvolvido após a metade do século XX. O professor conta que ao visitar museus e realizar sua pesquisa em

Seul sobre a indústria cinematográfica notou como o trauma pós-colonial afetou os sul-coreanos.

“O que constatei estando lá, frequentando os arquivos, é que a invasão japonesa causou um dano imenso à cultura coreana, a ponto de ser proibido falar coreano, e muitos filmes desse período eram falados em japonês. Esse trauma é tão grande que, no Museu do Cinema Coreano, é como se esse período não existisse, uma tentativa de esquecer esse momento infeliz da história da Coreia. Nos arquivos, o período pós-Segunda Guerra e pós-Guerra das Coreias é destacado como um respiro, entre a metade da década de 50 e o início dos anos 60, quando os primeiros grandes filmes coreanos, efetivamente reconhecidos como tal, apareceram. Um exemplo é o filme ‘Housemaid’ que já teve vários remakes e é um marco”.

Dessa forma, a produção apenas desfrutou de continuidade a partir da década de 1990, quando finalmente não há interrupção, e há uma unidade, algo bem embasado e construído. Por isso, fala-se tanto do Novo Cinema Coreano, quando, na verdade, trata-se do Grande Cinema Coreano.

“É importante dizer que, mesmo durante a ditadura, foram feitos filmes interessantes na Coreia como forma de resistência ao regime, algo que também ocorreu no Brasil. No cinema brasileiro, temos produções geniais realizadas durante o período da ditadura,

como o próprio Cinema Novo, movimento amplamente reconhecido no Brasil. Toda a produção de Glauber Rocha, por exemplo, foi feita durante a ditadura, mostrando que houve uma certa resistência com cineastas proeminentes e importantes. No entanto, era um cinema de resistência, e não aquele cinema que acontece de maneira fluida, natural e completamente respaldada pelo sistema”, ressalta Josmar.

Questiono ao professor sobre qual fator ele acha que torna o cinema coreano tão atraente e inovador. Opino que a imprevisibilidade das narrativas, que continuam a surpreender o telespectador do início ao fim do filme, me cativam. Dei o exemplo de ‘O Lamento’, filme de terror de duas horas e meia que não possui *jumpscare*, mas me manteve com os olhos fixados na tela, apesar de estar aterrorizada. A genialidade do roteiro fez com que eu me apaixonasse pelo longa-metragem mesmo não sendo fã do gênero. A resposta que recebi de Josmar, no entanto, me deixa reflexiva.

“O sucesso do cinema coreano não se resume à imprevisibilidade dos roteiros. Eu acho que é a diversidade que realmente o destaca. Essa diversidade de gêneros, temas e abordagens é tratada de uma maneira espontânea, aberta, criativa, sem pudor e sem moralismo. Isso é incrível no cinema coreano, pois permite narrativas inventivas e extraordinárias, que abordam absolutamente tudo.

Essa inventividade decorre de uma formação muito profunda dos coreanos, não só nas técnicas cinematográficas, mas também no desenvolvimento de roteiros, montagem, fotografia e outras áreas técnicas. O resultado são filmes potentes, tanto pelas imagens quanto pelas histórias que contam”, começa ele de forma sincera.

Josmar confessa que o mais o impressiona é o espaço dado à diversidade e que estamos falando de uma indústria que não tem medo em apostar nas mais diferentes e autênticas narrativas, fugindo do modelo usado por Hollywood. Os cineastas têm currículos ecléticos, com obras para todos os públicos, indo desde blockbusters a filmes mais críticos.

“Você encontra desde filmes espetaculares até os mais intimistas, com cineastas que desafiam a lógica americana. A indústria cinematográfica americana segue uma lógica de roteiros esquematizados e pré-estabelecidos, que raramente surpreendem. Já na Coreia, cineastas como Park Chan-wook e Bong Joon-ho conseguem algo extraordinário: eles fazem filmes blockbusters, ou seja, de grande público, que atraem multidões aos cinemas; ao mesmo tempo, esses filmes também conseguem agradar a um público mais avisado, criterioso e exigente, porque possuem múltiplas camadas de leitura”.

E nos dá alguns exemplos:

“Por exemplo, na trilogia da vingança de Park Chan-wook, você pode assistir aos filmes como uma narrativa de aventura com violência, mas também pode enxergar camadas de leitura que abordam a sociedade, as relações humanas e a conexão do homem com a sociedade coreana. O mesmo acontece com os filmes de Bong Joon-ho, que conseguem conciliar algo que no Ocidente é muito difícil: atrair o público geral e, ao mesmo tempo, satisfazer aqueles que buscam algo mais profundo e reflexivo. ‘Parasita’ tem essa grande qualidade e, não por acaso, conseguiu um prêmio internacional que é, digamos assim, o grande emblema, a etiqueta, o aval da crítica, que é o Festival de Cannes com a Palma de Ouro, além do Oscar, que é um prêmio da academia da indústria do cinema.”

Segundo o professor, isso tudo é resultado do fato de que o cinema coreano conseguiu dar esse salto de qualidade e genialidade, o que não aconteceu por acaso. É a consequência de investimentos em educação e cultura, que permitiram que eles trabalhassem e construíssem essa excelência.

“É todo um processo de envolvimento do Estado na formação de uma maneira mais ampla em todas as áreas, não apenas nas técnicas. O roteiro, por exemplo, é algo que exige muito porque é a alma de um filme; é nele que a narrativa é construída. Não por

acaso, Li Chang-dong, ao fazer um filme como *Poesia*, ganhou o prêmio de Melhor Roteiro no Festival de Cannes em 2009. Isso demonstra como o cinema coreano tem recebido prêmios recorrentemente em diversas áreas, seja na direção - como o próprio Kim Ki-duk e Li Chang-dong, Park Chan-wook, que ganhou Cannes duas vezes com o prêmio de direção por *Oldboy* e mais recentemente por *Decisão de Partir* - ou mesmo Bong Joon-ho, que recebeu diversos prêmios de direção. Além disso, os atores excepcionais do cinema coreano também têm ganhado prêmios de Melhor Ator e Melhor Atriz. Ou seja, é o conjunto da obra que é excepcional, mais do que apenas falar de um bom roteiro”.

E completa:

“Concordo que os roteiros são excepcionais, inclusive porque vão além e quebram paradigmas. Mas acho que o grande diferencial do cinema coreano é a diversidade. Você tem cineastas como Hong Sang-soo, que aposta em narrativas extremamente intimistas, com roteiros que às vezes são construídos da noite para o dia, até mesmo no set de filmagem. A repercussão que Hong Sang-soo tem hoje, especialmente com premiações internacionais em Berlim, é constante. Ele é um diretor cuja direção é muito singela comparada às direções excepcionais e extraordinárias de Park Chan-wook e Bong Joon-ho, por exemplo. A diversidade é o

que torna o cinema coreano tão excepcional”.

Josmar conta que pode experimentar esse movimento e vê-lo de perto, não só vivendo lá, mas também pesquisando muito e se surpreendendo positivamente com a grande repercussão do cinema coreano em seu próprio território.

“No Brasil, por exemplo, o cinema brasileiro tem pouca repercussão, mas o cinema coreano realmente tem uma presença muito forte. Os diretores e atores são grandes estrelas lá, reconhecidos como jogadores de futebol, por exemplo. Claro, o cinema americano tem uma entrada na Coreia, como em qualquer lugar do mundo, mas não há um monopólio do cinema americano no território coreano. Existe hoje um espaço efetivo e sedimentado para o cinema coreano na Coreia, e isso é resultado desse crescimento e investimento que começou nos anos 80 e cuja repercussão já se faz sentir nos anos 1990”.

Após ouvir sua opinião, chego à conclusão que era essa a resposta: diversidade. Eu sempre sentia que estava lidando com a imprevisibilidade, mas não sabia elaborar muito bem o sentimento que tinha com os filmes coreanos. Eu apenas me sentia fascinada, como uma criança. Tudo era muito novo. Eu via filme atrás de filme, mas nenhum era remotamente parecido com o anterior, então ficava em êxtase. Era como se tivesse encontrado uma fonte inesgotável de conteúdo, onde tudo era muito diferente

e eu sempre saía agradavelmente surpresa por estar vendo mais uma narrativa nova em que eu mal podia esperar para saber o desenrolar da história.

Era justamente a diversidade que tornava tudo tão mágico. Estava tão acostumada com o modelo hollywoodiano, em que logo nos primeiros minutos do filme eu já sabia como o personagem se comportaria e qual seria o final, que ao ver narrativas que não seguem os clichês norte-americanos as julguei de forma precipitada e tive uma análise crítica rasa.

Sorrindo ao ver minha pequena epifania, apesar de eu ter tentado não deixar transparecer todo o diálogo interno que estava acontecendo em minha cabeça, Josmar fez um último comentário:

“Por isso surpreende, porque não é uma caixinha pré-moldada; na verdade, é uma caixinha de surpresas, e não aquela mesma de sempre, estereotipada. A diversidade é fundamental, porque se aposta nas mais diversas possibilidades. É como na literatura: você se surpreende com um texto literário que propõe uma visão, uma subjetividade, uma leitura de mundo muito singular. É exatamente por aí”.

ESTAÇÃO IX

O FINAL É APENAS O COMEÇO

Chegamos à estação final. Agradeço a todos que compraram passagens para embarcar neste trem e explorar comigo o Novo Cinema Coreano. Apesar de ter chegado a hora de descer dos vagões, espero que tenha acendido em seu coração admiração pela indústria cultural sul-coreana e considere embarcar em jornadas mais profundas para admirar as produções do país. O meu desejo, como guia, é que este seja apenas o começo.

Eu fico fascinada e profundamente admirada sempre que penso em como a Coreia do Sul utilizou a sétima arte como instrumento de fortalecimento cultural, resgate das tradições e política de *soft power*. Conseguir não apenas se reerguer economicamente, mas também entregar um produto de tamanha excelência que ganhou o coração da nação e levou sua população a consumir mais o

cinema nacional do que o internacional, além de se tornar influente em outros países e colecionar fãs ao redor do globo é um feito tão incrível que faz com que eu queira continuar estudando o Novo Cinema Coreano por muitos anos.

Nunca fui uma pessoa aventureira, mas quando pisei os pés pela primeira vez fora das fronteiras de minha comodidade, me senti viva como nunca. Escrever este livro-reportagem contando a história do cinema coreano para mim é muito mais do que apenas um trabalho acadêmico. Meu coração acelerava cada vez que fazia uma nova descoberta, me deixando incrivelmente ansiosa para compartilhar o que aprendi com mais pessoas.

Você, caro leitor, provavelmente já se sentiu assim. De repente, você encontra algo esplêndido, que faz com que seus olhos brilhem da mais inocente encantadora forma. É um momento tão único, tão puro, que você quer compartilhar a felicidade com outras pessoas. Espera que se sintam como você, que tenham essa experiência. Eu me apaixonei à primeira vista pela cultura sul-coreana em 2016 e nunca me esquecerei do momento. Quando ouvi a primeira música, quando assisti a primeira série, quando me deparei com o primeiro filme, quando aprendi a primeira palavra em coreano, quando provei a primeira comida. Em cada um desses dias, me senti uma criança vendo o mundo pela primeira vez.

Fiz o convite para que o maior número possível de pessoas embarcasse nesse trem, pois precisava apresentar este universo a todos os que ainda não o conheciam, ou que achavam que conheciam. Sinta-se livre para se aventurar da forma como se sentir mais confortável, só peço que esteja disposto a abraçar completamente a experiência.

O Brasil está passando apenas pelo começo do grande interesse midiático pelo cinema sul-coreano. Ainda há muito o que se explorar e aprender. Apesar de termos chegado à última estação, ela não representa o fim de nossa jornada, pois ainda há muitas histórias que não foram contadas e outras que ainda serão. Saia em busca de novos roteiros de viagem, embarque em outros trens, pesquise sobre o cinema e respire um novo ar.

O cinema é uma das mais belas formas de arte e pode ser usado não apenas como uma representação audiovisual da cultura de uma nação, mas também como instrumento de protesto político e fortalecimento do espírito de um povo. O que foi gravado ao longo de meses, entregue em um produto de cerca de duas horas e exibido em salas de cinema, se torna imortal. Podem se passar décadas, mas aquelas imagens estarão eternizadas na história, sujeitas a serem reproduzidas bilhões de vezes, adentrando casas de milhões de pessoas e tocando o coração de cada uma delas. Os filmes são retratos de uma época. Não apenas eles nunca

morrerão, como a alma do diretor, roteirista, elenco e toda a equipe que participou da produção estará para sempre presente naqueles 100 ou 120 minutos.

Não é preciso estar fisicamente em um carro, ônibus, avião ou até trem para viajar até outro país e conhecer sua cultura. Você pode ter um gostinho apenas se sentando no sofá, ligando sua televisão, escolhendo um bom longa-metragem e dedicando toda a sua atenção à tela. Desde que o seu coração esteja disposto a viajar, o corpo sentirá como se estivesse dentro dos cenários exibidos. Para mim, está é uma das maiores beleza da sétima arte. Após nos entregarmos em cada aventura, saímos transformados. Refletimos sobre as histórias, nos emocionamos com os acontecimentos e fazemos comparações com nossas realidades. Se você não saiu de uma sessão de filme sem nenhum questionamento ou novas reflexões, provavelmente não teve uma experiência completa.

AGRADECIMENTOS

Não há caminho que se trilhe sozinho. Se não fosse pelo apoio e confiança de pessoas especiais, este trabalho nunca teria saído do plano das ideias. Sempre tive o sonho de escrever um livro e dedico este pontapé inicial na minha carreira de jornalista àqueles que permaneceram ao meu lado durante toda esta jornada. Professor José Salvador Faro, muito obrigada por ter sido a primeira pessoa a comprar um bilhete para embarcar neste trem e se mostrar sempre ansioso para acompanhar as paradas da viagem rumo aos primórdios do Novo Cinema Coreano. Tenho ainda profunda gratidão também à Claudio Lee, Insung Park, Ji Yun Kim e Josmar de Oliveira Reyes por terem me concebido maravilhosas entrevistas e me ajudado a compreender melhor a produção cultural sul-coreana.

Aos meus avós, Cristina e More, não tenho palavras para descrever o amor que sinto e como sou grata por terem me dado a oportunidade de me formar em jornalismo e ter provido tudo o que uma neta tornada filha precisa para correr atrás dos sonhos.

Tio Rodolfo e Tia Renata, meus padrinhos, sempre me disseram que eu deveria me tornar jornalista e não poderiam estar mais certos. Dodô e Tatá, muito obrigada por serem “paidrinho” e “mãedrinha” e sempre estarem ao meu lado. Tio Rodrigo, também agradeço por todo o suporte necessário e sempre ter sido disposto a me ajudar quando precisei. Tia Sônia, muito obrigada por ter dado o toque final em meu trabalho, sou muito grata pelo carinho. À minha mãe, Adriana, e irmãos, Laura, Letícia e Luck, saibam que os amar, para mim, é mais natural do que respirar; espero que gostem de meu livro.

Marina, eu sempre digo e vou repetir: família são as pessoas que Deus escolheu para viverem ao nosso lado e amigos são aqueles que escolhemos para serem família. Você é também minha irmã, obrigada por nunca ter desistido de mim e ser um raio de luz em minha vida. Cicy, você é minha brisa do mar, sempre surge alegre e sorridente para me encontrar e traz um frescor que me acalma. Você também é família, irmã mais velha e sempre me lembra o poder de cura que uma amizade tem. Marc e Matheus, obrigada por me acompanharem a festivais de cinema sul-coreano, discutirem filmes comigo e sempre me proporcionarem as mais sinceras risadas.

Isabela, Pedro e Vinícius, vocês foram os primeiros colegas de faculdade que já tive e acenderam em mim o amor pelo cinema,

obrigada por tudo. À todos aqueles que dividiram as salas de aula da PUC-SP comigo, guardarei as memórias com carinho. Ly, minha maravilhosa chefe, sou imensamente grata por todas as oportunidades profissionais e ensinamentos que me proporcionou. Com você cresci de muitas formas e me tornei mais confiante em meus talentos. Obrigada por ter sido a primeira pessoa a colocar as nobres palavras “repórter” e “jornalista” ao lado do meu nome.

Por último e não menos importante, meu papai Arthur, obrigada por ter sido simplesmente você. Sei que ainda olha por mim e dedico este trabalho a você. Sua filha está se formando e finalmente vai concretizar todos os seus sonhos. Nosso passatempo favorito era ver filmes juntos e comentar sobre eles. Eu brincava que um dia trabalharia com isso. Quem sabe não será verdade? Te amo, hoje e sempre.

REFERÊNCIAS

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. Soft power e Hallyu: pesquisadora da UFF aborda a expansão da influência sul-coreana. 14 fev. 2023. Disponível em: <https://www.uff.br/?q=noticias/14-02-2023/soft-power-e-hallyu-pesquisadora-da-uff-aborda-expansao-da-influencia-sul> Acesso em: 2 abr. 2024.

OLIVEIRA, Nicole Antunes de Souza. O cinema coreano: dos dramas aos filmes. Blog FCA, 24 mar. 2022. Disponível em: <https://blogfca.pucminas.br/ccm/o-cinema-coreano-dos-dramas-aos-filmes/> Acesso em: 4 abr. 2024.

MOREIRA, Thiago Mattos; CANARIO, Tiago. Como o centenário do cinema sul-coreano chegou a sucessos como 'Parasita'. O Globo, 20 fev. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/filmes/como-centenario-cinema-sul-coreano-chegou-sucessos-como-parasita-24238299> Acesso em: 5 mai. 2024.

KOCIS. Beyond Hallyu: the rising cultural influence of South Korea. Korea.net, jul. 2024. Disponível em: <https://www.kocis.go.kr/eng/webzine/202407/sub01.html> Acesso em: 1 jun. 2024.

KOREA.NET. Hallyu: The Korean Wave. Korea.net, [s.d.]. Disponível em: <https://www.korea.net/AboutKorea/Culture-and-the-Arts/Hallyu> Acesso em: 14 jun. 2024.

BASSO, Murilo. K-pop, “Parasita” e a bilionária onda coreana. E-Investidor, 13 set. 2021. Disponível em: <https://investidor.estadao.com.br/comportamento/kpop-parasita-a-bilionaria-onda-coreana/> Acesso em: 14 jun. 2024.

BARIFOUSE, Rafael. Apoio do governo, cotas e festivais: como a Coreia do Sul reinventou seu cinema e fez história no Oscar com 'Parasita', 11 fev. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51420743> Acesso em: 18 jun. 2024

PONTES, Nádia. Entenda como a Coreia do Sul passou da miséria à potência tecnológica. G1, 15 dez. 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/o-futuro-das-cidades/2015/noticia/2015/12/entenda-como-coreia-do-sul-passou-da-miseria-potencia-tecnologica-.html> Acesso em: 5 mai. 2024.

FUINI, Pedro. Data marca a libertação da Península Coreana do domínio japonês, 15 ago. 2022. Disponível em: <https://www.fflch.usp.br/35798> Acesso em: 4 set. 2024

CONTIERO, Bárbara. Vozes da rebelião: o surgimento do Dia do Movimento pela Independência coreana. Revista KoreaIn, 1 mar. 2021. Disponível em: <https://revistakoreain.com.br/2021/03/vozes-da-rebeliao-o-surgimento-do-dia-do-movimento-pela-independencia-coreana/> Acesso em: 4 set. 2024.

ILLMER, Andreas. Tóquio 2020: o movimento que pede a proibição da bandeira imperial do Japão na Olimpíada. BBC News Brasil, 7 jan. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-51005924> Acesso em: 03 jun. 2024.

KIM, Cheul Hong. Sobre Nós, Korean Cultural Center. 9 jun. 2023. Disponível em: <https://brazil.korean-culture.org/pt/6/contents/289> Acesso em: 29 jun. 2024.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Dorama. Nova Palavra, 2023. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/dorama> Acesso em: 12 ago. 2024.

PERDIGÃO, Letícia. Coreanos reprovam inclusão da palavra "dorama" na língua portuguesa. Metrôpoles, 1 set. 2023.

Disponível em:

<https://www.metropoles.com/entretenimento/coreanos-reprovam-inclusao-da-palavra-dorama-na-lingua-portuguesa> Acesso em: 6 ago. 2024.

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS - USP. Graduação em Coreano, [s.d.]. Disponível em: <https://letrasorientais.fflch.usp.br/graduacao/coreano>. Acesso em: 28 ago. 2024.

BUSAN INTERNATIONAL FILM FESTIVAL. Página principal, [s.d.]. Disponível em: <https://www.biff.kr/kor/>. Acesso em: 08 ago. 2024.

LUIZA, Ingrid. A diplomacia do K-pop. Superinteressante, 21 jul. 2020. Disponível em: <https://super.abril.com.br/especiais/a-diplomacia-do-k-pop#:~:text=Se%20antes%20o%20pa%C3%ADs%20era,que%20o%20mundo%20consumisse%20Coreia>. Acesso em: 23 jul. 2024.

KOREA.NET. Hallyu: A onda coreana, [s.d.]. Disponível em: <https://www.korea.net/AboutKorea/Culture-and-the-Arts/Hallyu> Acesso em 18 jul. 2024.

SARINGE, Chyenne; MENDONÇA, Jenifer; CONSTÂNCIO, Victor Zampiroli. Como a Coreia do Sul usa seu soft power por meio da sua cultura e economia. 2024. Disponível em: [file:///C:/Users/moreb/Downloads/COMO%20A%20COREIA%20ODO%20SUL%20USA%20SEU%20SOFT%20POWER%20POR%20MEIO%20DA%20SUA%20CULTURA%20E%20ECONOMIA.%20\(4\).pdf](file:///C:/Users/moreb/Downloads/COMO%20A%20COREIA%20ODO%20SUL%20USA%20SEU%20SOFT%20POWER%20POR%20MEIO%20DA%20SUA%20CULTURA%20E%20ECONOMIA.%20(4).pdf) Acesso em: 25 maio 2024.

HUER, Jon. Korea's soft power and its global impact. The Korea Times, 22 mar. 2009. Disponível em: https://www.koreatimes.co.kr/www/nation/2024/08/638_41770.html Acesso em: 16 jun. 2024.

GLIONNA, John M. South Korea's 'han': A complex feeling tugs at Koreans, 5 jan. 2011. Disponível em: <https://www.latimes.com/archives/la-xpm-2011-jan-05-la-fg-south-korea-han-20110105-story.html#:~:text=For%20most%20of%20his%20life,concept%20is%20known%20as%20han> Acesso em: 16 jun. 2024.

BRZESKI, Patrick. 'Oldboy' at 20: How Park Chan-wook's Violent Mind-Bender Kickstarted the Korean Wave. 18 nov. 2023. Disponível em: <https://www.hollywoodreporter.com/movies/movie-features/oldboy-at-20-park-chan-wook-film-korean-wave-1235559009/> Acesso em: 15 ago. 2024.

YUAN, Jada. No chicken is safe in the insane Korean occult murder mystery *The Wailing*. *Vulture*, 18 mai. 2016. Disponível em: <https://www.vulture.com/2016/05/insane-joys-of-korean-bloodbath-the-wailing.html> Acesso em: 15 ago. 2024.

HOAD, Phil. *The Wailing* review – Korean horror flick takes fear to the brink of an abyss. *The Guardian*, 24 nov. 2016. Disponível em: <https://www.theguardian.com/film/2016/nov/24/the-wailing-review-evocation-evil-korean-director-na-hong-jin-rural-horror> Acesso em 15 ago. 2024.

AHN, Soongbum. Cinematic storytelling: Korea at the movies. Korean Office of Cultural Industries Support, jul. 2024. Disponível em: <https://www.kocis.go.kr/eng/webzine/202407/sub01.html> Acesso em 25 jul. 2024

SHIN, Chi-Yun; STRINGER, Julian (orgs.). *New Korean Cinema*. Nova Iorque: New York University Press, 2005.

SERVIÇO DE CULTURA E INFORMAÇÃO SOBRE A COREIA. *Fatos sobre a Coreia*. 2015. Copyright © 1973.

CHING, Leot T. S. Shameful bodies, bodily shame: “Comfort women” and anti-Japanism in South Korea. In: CHING, Leot T. S. (org.). *Anti-Japan: The politics of sentiment in postcolonial East Asia*. Durham: Duke University Press, 2019.

CHESNEAUX, Jean. A Ásia Oriental nos Séculos XIX e XX. São Paulo: Editora Pioneira, 1976.

YELLOW DOOR: Looking for Director Bong's Unreleased Short Film. Direção de Lee Hyuk-rae. Coreia do Sul: Netflix, 2023. 78 min. Streaming.

IMAGENS DOS FILMES

CITADOS NO LIVRO

Escaneie o QR Code abaixo para ter acesso a trailers e cenas dos quatro filmes citados no livro, sendo eles Seopyeonje (1993), Oldboy (2003), The Wailing (2016) e Parasita (2019).



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO
PAULO (PUC-SP)
BACHARELADO EM JORNALISMO**

BÁRBARA CRISTINA MORE

**NOVO CINEMA COREANO: A POTÊNCIA DAS NARRATIVAS MODERNO-
TRADICIONAIS**

São Paulo

2024

BÁRBARA CRISTINA MORE

**NOVO CINEMA COREANO: A POTÊNCIA DAS NARRATIVAS MODERNO-
TRADICIONAIS**

Memorial apresentado ao colegiado de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), como requisito para a conclusão do curso de Bacharelado em Jornalismo.

Orientador(a): Prof. José Salvador Faro.

Banca examinadora: José Salvador Faro, Mauro Luiz Peron e Iberê Rosário de Barros

São Paulo

2024

SUMÁRIO

RESUMO.....	3
APRESENTAÇÃO.....	6
DESENVOLVIMENTO.....	8
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA.....	11
CONCLUSÕES.....	15
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	17

RESUMO

O presente memorial acadêmico tem como objetivo relatar a trajetória acadêmica da discente Bárbara Cristina More durante a caminhada no curso de Jornalismo na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e transcorrer sobre seus desafios e dificuldades encontrados durante a realização do trabalho de conclusão de curso.

O formato escolhido para o TCC foi o de livro-reportagem produzido individualmente, respeitando os critérios da universidade. O título é 'Novo Cinema Sul-coreano: A potência das narrativas moderno-tradicionais' com enfoque na produção audiovisual da Coreia do Sul a partir do ano de 1993. Para acompanhar o livro, há um QR Code direcionando a cenas dos filmes abordados no trabalho, visando levar o leitor a uma imersão na tese e compreender melhor a temática visualmente.

Palavras-chave: jornalismo literário, livro-reportagem, Coreia do Sul, cinema, cinema coreano, soft power.

ABSTRACT

This academic report aims to report on the academic trajectory of student Bárbara Cristina More during her journey in the Journalism course at the Pontifical Catholic University of São Paulo (PUC-SP) and to discuss the challenges and difficulties she encountered while completing her final project.

The format chosen for the final paper was a book-report produced individually, respecting the university's criteria. The title is 'New South Korean Cinema: The Power of Modern-Traditional Narratives', focusing on audiovisual production in South Korea since 1993. To accompany the book, there is a QR Code directing to scenes from the interactive films in the work, which will take the reader to an analysis of the thesis and better understand the theme visually.

Keywords: literary journalism, book-report, South Korea, cinema, Korean cinema, soft power.

APRESENTAÇÃO

O lançamento de *Seopyeonje*, dirigido por Im Kwon-taek em 10 de abril de 1993, marcou o início de um renascimento cinematográfico na Coreia do Sul, que hoje se consolida como a quinta maior nação no mercado cinematográfico mundial. Este livro-reportagem propõe-se a analisar o movimento do Novo Cinema Sul-Coreano, abordando em cada capítulo fatores determinantes na trajetória da produção audiovisual do país, destacada pela excelência de suas narrativas que mesclam elementos modernos e tradicionais. A escolha do recorte histórico visa identificar o momento exato em que o cinema sul-coreano passou por um grande renascimento, culminando na relevância que hoje ocupa no cenário global.

O trabalho inicia-se com uma contextualização socioeconômica e histórica do país, seguida de uma investigação sobre o surgimento da indústria audiovisual na Coreia do Sul. A pesquisa inclui entrevistas sobre o fenômeno da Hallyu Wave (a onda de cultura sul-coreana). O leitor será conduzido por uma linha cronológica dos acontecimentos, intercalada com reflexões pessoais e relatos de especialistas, o que acrescenta maior profundidade à narrativa. Para promover uma experiência de leitura mais imersiva, o tema será tratado como uma longa viagem de trem, onde o leitor passará por diferentes "estações" de conhecimento ao longo do percurso.

Diante do crescente interesse por filmes e produtos culturais sul-coreanos, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi concebido como uma ferramenta para disseminar informações precisas sobre a indústria audiovisual da Coreia do Sul, ampliando a compreensão do público sobre o caminho que levou o país à sua posição de destaque no cenário cinematográfico global. A pesquisa utilizou como base bibliográfica livros publicados pelo Ministério da Cultura e Esporte da Coreia do Sul, além da obra *New Korean Cinema*, editada por Chi-Yun Shin e Julian Stringer. Também foram utilizadas matérias jornalísticas e reportagens que retratam o fenômeno, bem como entrevistas com Insung Park, coordenador do Centro Cultural Coreano no Brasil; Ji Yun Kim, professora do Departamento de Letras - Coreano da Universidade de São Paulo (USP); e Josmar de Oliveira Reyes, PhD em Cinema Coreano. Considerando a escassez de pesquisa sobre o tema no Brasil e a ausência de referências confiáveis em língua portuguesa, este trabalho assume

uma relevância particular para a disseminação de informações e a ampliação da visibilidade do Novo Cinema Sul-Coreano.

O livro-reportagem também discute por que o termo "dorama" não é adequado para se referir às séries sul-coreanas, apesar de sua ampla utilização pela população e pela mídia. Termos e conceitos importantes serão apresentados, acompanhados de suas definições e usos adequados, para que o leitor se familiarize com o vocabulário correto e adquira maior compreensão do universo do audiovisual sul-coreano.

DESENVOLVIMENTO

Hipótese

O Trabalho de Conclusão de Curso discorre sobre o nascimento do movimento do Novo Cinema Coreano. O livro-reportagem visa explicar como a Coreia do Sul utilizou a sétima arte como instrumento de fortalecimento cultural, resgate de tradições e política de soft power. A hipótese é a de que o país encontrou um meio artístico de expressão que também conseguiu reerguer sua economia e ainda entregar excelência.

Ao longo do trabalho, são levantados dados históricos e apresentadas entrevistas com especialistas para dialogar sobre o fenômeno sociocultural que aconteceu na Coreia do Sul a partir do ano de 1993 e como a ocupação japonesa e a presença de governos autoritários, militares e ditatoriais levou a uma indústria cinematográfica tardia, mas que entregava protestos políticos através das telas. O cinema se desenvolve de maneira forte e magnífica na década de 1990, conquista seu espaço e mantém a qualidade até o momento em que atinge seu ápice, com o Oscar de Parasita.

Recortes

O recorte temporal escolhido para este Trabalho de Conclusão de Curso foi a Coreia do Sul, abrangendo o período de 1993 a 2024, com maior ênfase no final da década de 1990 e início dos anos 2000. Para explicar o surgimento do Novo Cinema Coreano, que teve como marco o lançamento do filme Sopyeonje em 1993, dediquei alguns capítulos à contextualização histórica. Esses capítulos revisitam a época da ocupação japonesa, entre 1910 e 1945, e discutem as consequências desse período nas décadas subsequentes.

Suporte

O suporte escolhido para o Trabalho de Conclusão de Curso foi o de livro-reportagem. Por se tratar de uma pesquisa extensa, dotada de uma grande contextualização históricas e longas entrevistas, decidi que esta seria a melhor forma de apresentar. Para acompanhar o texto, está incluso um CD com algumas das cenas mais marcantes dos filmes mencionados ao longo do trabalho.

Conforme desenvolvi o trabalho, notei que livro-reportagem realmente foi a melhor escolha para a realização do TCC. O formato me permitiu transitar entre entrevistas, narração de fatos históricos e opiniões pessoais de forma suave e coerente. Através de analogias com uma viagem de trem, pude discorrer sem medo sobre o tema, entregando informações aprofundadas acompanhadas de exemplos e aplicações. O livro respeitou a profundidade e complexidade do Novo Cinema Coreano ao mesmo tempo em que, com o apoio do CD, conseguiu entregar imagens para complementar a narrativa.

Metodologia

Para a realização do livro-reportagem, foi utilizado mais de um procedimento operacional. Antes de tudo, comecei elencando uma série de filmes sul-coreanos aclamados pela crítica, além de títulos que também tiveram grande importância na indústria, e assisti cada um deles fazendo anotações. Por estar realizando um trabalho sobre cinema, julguei que o primeiro passo seria continuar me aprofundando no audiovisual e elencar 4 longas-metragem que acredito serem fundamentais para quem busca conhecer a excelência sul-coreana.

Ao dar início nas pesquisas relacionadas à história da Coreia do Sul, fui à biblioteca da PUC e escolhi alguns livros que faziam análises no âmbito cultural. Dentre eles, estava o *New Korean Cinema* que se encaixou perfeitamente na minha pesquisa, já que começava discorrendo sobre a ocupação japonesa. Meu primeiro pensamento foi buscar livros de história para contar com fontes confiáveis. Em seguida, busquei uma série de arquivos científicos na internet que abordassem temáticas similares às do meu TCC para que eu pudesse ter acesso a outras visões sobre o tema e também contasse com referências de pessoas que se aprofundaram no assunto. Como não tive muito sucesso em encontrar uma grande variedade de fontes, decidi entrar em contato com o Centro Cultural Coreano no Brasil e marcar uma entrevista com um dos coordenadores do local.

Insung Park me recebeu de forma extremamente solícita e teve uma conversa que agregou profundamente meu trabalho, além de expandir meus horizontes. Ele me recomendou que marcasse presença no festival de cinema coreano que aconteceria em julho. Fui assistir a alguns filmes que fizeram parte da mostra e ainda estive em uma roda de conversa com um diretor e um crítico sul-coreanos. Apesar de os títulos

não serem citados no trabalho, o festival foi muito importante para a minha análise crítica, pois pude exercitar meu olhar sobre o cinema e refletir muito sobre a indústria audiovisual da Coreia do Sul. Além disso, participei de uma roda de conversas com críticos e diretores que vieram ao Brasil divulgar seus trabalhos.

Cheguei a tentar buscar documentários sobre o tema, pois seria uma forma excelente de me aprofundar. Assisti na Netflix o Porta Amarela, que é citado no livro-reportagem e recomendo à qualquer pessoa que quiser entender o cinema sul-coreano e também tiver curiosidade sobre como surgiu Bon Joon-Ho, o diretor de Parasita.

Entrei em contato com o departamento de Letras - Coreano da Universidade de São Paulo e solicitei uma entrevista com as professoras. Ji Yun Kim ficou feliz em ter uma conversa comigo e pudemos discutir sobre como a Hallyu Wave atua no Brasil atualmente e como está aumentando o número de jovens que buscam aprender o idioma coreano. A professora contribuiu muito para meu trabalho e me levou a enxergar o fenômeno com outros olhos.

Segui pesquisando artigos, lendo reportagens se buscando referências bibliográficas para meu livro-reportagem até que cheguei até o nome de Josmar de Oliveira Reyes, professor de Realização Audiovisual da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) e pós-doutor em cinema sul-coreano na Universidade Sorbonne, em Paris. Enviei uma mensagem nas redes sociais para ele, perguntando se estaria disponível para uma entrevista e ele aceitou de bom grado.

Tivemos um longo bate-papo em que dialogamos sobre o nascimento do cinema sul-coreano e ele me esclareceu uma série de dúvidas que tinha acerca do tema. Fiquei muito feliz e entusiasmada com a conversa e ainda mais inspirada em meu processo de escrita. Foi com Josmar que consegui o necessário para concluir o livro-reportagem com chave de ouro.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

O Trabalho de Conclusão de Curso teve como ponto inicial da pesquisa a leitura dos primeiros capítulos do livro *New Korean Cinema*, editado por Chi-Yun Shin e Julian Stringer. Sem saber por onde exatamente começar, fui à biblioteca da PUC-SP e pesquisei por obras que abordassem a Coreia do Sul, seja retratando a história do país ou discorrendo sobre a indústria cultural. Assim que li o título, soube que este livro seria de grande ajuda. Por ter sido publicado em 2005, ele não aborda o cenário atual, mas foi através do *New Korean Cinema* que pude entender onde e como nasceu o Novo Cinema Coreano.

O livro compreende que, para compreender como a Coreia do Sul conseguiu romper as fronteiras de seu país e se tornar uma grande produtora cinematográfica, era necessário viajar ao passado e revisitar a história. Os autores citam os grandes feitos do país, conquistas em festivais internacionais e quais são os filmes mais proeminentes. Há ainda uma explicação rápida sobre o motivo de *Sepyeonje* marcar o início do Novo Cinema em 1993. Após a apresentação, o leitor é convidado a voltar até 1910 para entender os impactos culturais da colonização japonesa. Eu diria que foi a obra perfeita para eu dar o pontapé inicial em minha pesquisa, já que abriu meus horizontes e me permitiu compreender qual rumo eu gostaria de levar com meu livro-reportagem. A partir dos pontos abordados, anotei em quais tópicos gostaria de me aprofundar ao produzir o TCC e quais outras temáticas julgava relevante introduzir.

Por não encontrar referências na PUC-SP, mergulhei em matérias jornalísticas que abordam a alta da procura pelo cinema coreano e como ele se desenvolveu na última década. Desde que *Parasita* ganhou o Oscar em 2020, a mídia tomou maior interesse nas produções do país asiático e se dedicou a escrever uma série de reportagens, notas e artigos com entrevistas com especialistas discorrendo sobre o fenômeno. A BBC, principalmente, produziu textos extremamente informativos, com muita contextualização e reflexões sobre o cenário socio-econômico da Coreia do Sul, além de como ela conseguiu utilizar seus produtos culturais como soft power. Como meu TCC é um livro-reportagem, nada mais justo do que conferir reportagens produzidas sobre o assunto para enriquecer minha tese.

Refletindo sobre quem deveria ser a primeira pessoa que entrevistaria, decidi que não haveria problema em ir ao local mais óbvio em que poderia pedir ajuda: O Centro

Cultural Coreano no Brasil. Enviei e-mails perguntando se eles haviam alguém disponível para dialogar comigo sobre a temática de meu livro-reportagem e cheguei até Insung Park, que também atende pelo nome Jack. Marquei um encontro e com muita sinceridade expliquei meu trabalho, expus todas as dúvidas que tinha sobre o assunto e admiti não ter conhecimento suficiente sobre muitos pontos que seriam abordados em meu trabalho. Com muita paciência, ele compartilhou suas visões e análises, fez correções em meu discurso e se propôs a ajudar no que fosse preciso. Foi durante este bate-papo que ele explicou a problemática por trás da palavra “dorama”, o que me levou a dedicar um capítulo inteiramente para esta questão. Ele perguntou se eu sabia que aconteceria em São Paulo um festival de cinema coreano e que seria muito interessa marcar presença. Na saída, ainda me entregou uma revista semanal publicada pelo Ministério da Cultura e do Esporte da Coreia do Sul. Por coincidência, a edição de julho era focada em cinema e trazia as análises de um colunista. Ainda guardo com carinho, pois foi provavelmente a minha leitura preferida.

Enquanto não chegava a data do festival, decidi me afastar das leituras e focar nos filmes que abordaria em meu livro-reportagem. Elenquei quatro títulos que julguei serem os ais relevantes, sendo eles Seopyeonje, Oldboy, The Wailing e Parasita. Sempre que encontrava um tempo livre, assistia filmes e mais filmes coreanos para compreender melhor a produção cinematográfica do país e exercitar minhas habilidades críticas. A prática fortaleceu o meu interesse pelas produções e me possibilitou notar detalhes que nunca havia reparado antes. Para não basear as análises apenas em minhas opiniões pessoais, fui em buscas de comentários de críticos de cinema sobre cada um dos quatro filmes e os coloquei no capítulo, além de incluir dados importantes como os prêmios, conquistas e recepção dos longas-metragens na época em que foram lançados. Também assisti ao documentário Porta Amarela: O Cineclube dos Anos 90, que mostra como eram as vidas de Bong Joon-ho e seus amigos quando ainda eram jovens e sonhavam em fazer cinema em plena década de 1990. Foi muito interessante saber como o diretor de Parasita iniciou a sua carreira e ouvir relatos de aspirantes a cineastas sobre como era a Coreia do Sul na época.

Quando o festival finalmente começou, juntei alguns amigos e fomos assistir juntos aos longa e curta-metragens que estavam sendo exibidos. De início iria sozinha, mas percebi que além de transformar o estudo em momento de lazer com a presença de

amigos, também poderíamos discutir juntos sobre as produções e trocar análises. Em um dos dias, pude participar de uma roda de conversa com um dos diretores e um crítico que vieram ao Brasil especialmente para a mostra. Ouvir suas visões sobre o mercado cinematográfico me trouxe novas inspirações e informações importantes para o TCC.

Ao retornar, juntei todas as informações que tinha até o momento para um primeiro rascunho do livro, já que estava quase chegando a data do retorno às aulas. Fiz anotações sobre os pontos que ainda precisava me aprofundar, capítulos que faltavam e quais deveriam ser meus próximos passos. Como já havia reunido uma vasta gama de informações ao longo da pesquisa, foquei em entrevistas.

Após pesquisar na internet sobre críticos de cinema coreano no Brasil, notei um nome familiar, o de Josmar de Oliveria Reyes. O professor tem pós-doutorado em Cinema Coreano e estava presente em uma das matérias da BBC que eu havia lido e utilizado como referência. Mandei mensagem para ele e consegui marcar uma conversa. Passamos um bom tempo trocando opiniões sobre a sétima arte e Reyes me trouxe reflexões importantíssimas, além de corrigir alguns pensamentos e me elucidar sobre o que torna as produções do país asiático tão importantes e relevantes. Foi este bate-papo que encerrou meu livro. Não foi proposital que esta tenha sido a conversa final, mas acabou sendo a melhor coisa que poderia ter acontecido, pois encerrou com chave de ouro minha trajetória.

Muito entusiasmada, corri para escrever a entrevista, que usei quase que na íntegra. Ela costurava com perfeição todos os pontos abordados em meu livro-reportagem e ainda trazia um encerramento, com uma visão geral do Novo Cinema Coreano. Feliz com o resultado, reli os capítulos anteriores e fiz alterações na ordem em que aparecem no TCC para que houvesse maior fluidez, além de adaptar os textos iniciando os parágrafos com analogias a uma viagem de trem e me referindo aos capítulos como estações. Visando proporcionar uma experiência única, leve e divertida para o leitor, tive a ideia de levá-los a uma viagem de trem até os primórdios do cinema coreano e ir passando em diferentes estações, cada uma delas abordando um fato importante em ordem cronológica. Foi na revisão que notei que poderia aprimorar o capítulo da ocupação japonesa.

Com o auxílio de informações disponibilizadas pelo Ministério da Cultura e do Esporte da Coreia do Sul, além de publicações da USP e de veículos focados em cultura sul-coreana, adicionei novos detalhes e fatos históricos no capítulo. Percebi que havia me baseado em poucas fontes, então rapidamente fui atrás de diversificar o texto e enriquecê-lo. Por fim, dei início à produção do DVD, selecionando cenas importantes dos 4 filmes abordados no livro-reportagem para ser anexado no interior da contracapa.

CONCLUSÕES

Comecei o trabalho com o objetivo de abordar o audiovisual sul-coreano de maneira geral, discorrendo não apenas sobre o cinema, mas também k-dramas e Hallyu Wave. Foi após começar a pesquisa que decidi focar apenas na indústria cinematográfica por ter encontrado nela um objeto muito interessante e que merecia receber uma tese inteira apenas para ela, tamanha sua dimensão e profundidade. Já conhecia como a Coreia do Sul utiliza a política de soft power ao exportar música e outros produtos culturais, mas nunca havia me aprofundado no âmbito da sétima arte e tive felizes surpresas a longo da realização do Trabalho de Conclusão de Curso.

Ao tentar compreender o cenário atual da indústria cinematográfica sul-coreana entendi que estamos em um período denominado Novo Cinema Coreano, que nasceu em 1993 com o lançamento de Seopyeonje, longa-metragem que desencadeou uma série de produções de peso e o surgimento de grandes diretores. Fiquei tão fascinada que mergulhei nas pesquisas para compreender porque exatamente Seopyeonje foi um divisor de águas e qual o motivo de o cinema apenas ter florescido em 1990, quando a grande maioria dos países já possuíam uma indústria muito consolidada nesta época.

Notei que os impactos e consequências da ocupação japonesa na Coreia do Sul sempre pareciam ser um fator determinante na forma como o país se desenvolveu a partir de 1945. Apesar de saber que a nação já havia sido colônia do império japonês, eu ainda não tinha conhecimento suficiente sobre como os coreanos viviam neste período e o que os levou a carregar tamanho ressentimento do Japão para que a colonização ainda seja um tópico muito sensível. Foi durante o trabalho que fiquei pasma e incrédula ao descobrir como o povo coreano foi duramente oprimido durante 35 anos, sendo obrigados a falar o idioma do império, trocar de nomes, abdicar sua cultura e presenciar suas tradições sendo apagadas e/ou silenciadas. Marquei este momento como o ponto inicial da contextualização histórica, por ser crucial para entender o motivo de o cinema ter nascido como instrumento de resgate de tradições e representação da voz de um povo que havia passado por momentos sombrios.

Passado o período da colonização, passei brevemente pela guerra das Coreias e caminhei em direção dos governos militares e autoritários que surgiram na década de 1960 e foram até o final dos anos de 1980. Neste espaço de tempo, a produção

cultural enfrentou dificuldades para encontrar um terreno propício para ser cultivada. Havia lançamentos de filmes, mas não era uma indústria consolidada, já que ela apenas floresceria e encontraria terra fértil para expandir seus horizontes com a redemocratização. Surge uma indústria audiovisual que espelha a natureza do povo sul-coreano, exalta suas individualidades, não tem pudor ao retratar as peculiaridades e características da sociedade, não restringe a gêneros e clichês, não tem medo de explorar as mais diversas narrativas, resgata tradições de uma nação milenar e as coloca em local de destaque, com muito orgulho. Acompanhar essa história me fez entender o motivo de o cinema ter tanto poder na Coreia do Sul e por que os coreanos valorizam tanto suas produções, que representam 51% das salas de cinema do país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE. Soft power e Hallyu: pesquisadora da UFF aborda a expansão da influência sul-coreana. 14 fev. 2023. Disponível em: <https://www.uff.br/?q=noticias/14-02-2023/soft-power-e-hallyu-pesquisadora-da-uff-aborda-expansao-da-influencia-sul> Acesso em: 2 abr. 2024.

OLIVEIRA, Nicole Antunes de Souza. O cinema coreano: dos dramas aos filmes. Blog FCA, 24 mar. 2022. Disponível em: <https://blogfca.pucminas.br/ccm/o-cinema-coreano-dos-dramas-aos-filmes/> Acesso em: 4 abr. 2024.

MOREIRA, Thiago Mattos; CANARIO, Tiago. Como o centenário do cinema sul-coreano chegou a sucessos como 'Parasita'. O Globo, 20 fev. 2020. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/filmes/como-centenario-cinema-sul-coreano-chegou-sucessos-como-parasita-24238299> Acesso em: 5 mai. 2024.

KOCIS. Beyond Hallyu: the rising cultural influence of South Korea. Korea.net, jul. 2024. Disponível em: <https://www.kocis.go.kr/eng/webzine/202407/sub01.html> Acesso em: 1 jun. 2024.

KOREA.NET. Hallyu: The Korean Wave. Korea.net, [s.d.]. Disponível em: <https://www.korea.net/AboutKorea/Culture-and-the-Arts/Hallyu> Acesso em: 14 jun. 2024.

BASSO, Murilo. K-pop, “Parasita” e a bilionária onda coreana. E-Investidor, 13 set. 2021. Disponível em: <https://einvestidor.estadao.com.br/comportamento/kpop-parasita-a-bilionaria-onda-coreana/> Acesso em: 14 jun. 2024.

BARIFOUSE, Rafael. Apoio do governo, cotas e festivais: como a Coreia do Sul reinventou seu cinema e fez história no Oscar com 'Parasita', 11 fev. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-51420743> Acesso em: 18 jun. 2024

PONTES, Nádia. Entenda como a Coreia do Sul passou da miséria à potência tecnológica. G1, 15 dez. 2015. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiba-regiao/o-futuro-das-cidades/2015/noticia/2015/12/entenda-como-coreia-do-sul-passou-da-miseria-potencia-tecnologica-.html> Acesso em: 5 maio 2024.

FUINI, Pedro. Data marca a libertação da Península Coreana do domínio japonês, 15 ago. 2022. Disponível em: <https://www.fflch.usp.br/35798> Acesso em: 4 set. 2024.

CONTIERO, Bárbara. Vozes da rebelião: o surgimento do Dia do Movimento pela Independência coreana. Revista KoreaIn, 1 mar. 2021. Disponível em: <https://revistakoreain.com.br/2021/03/vozes-da-rebeliao-o-surgimento-do-dia-do-movimento-pela-independencia-coreana/> Acesso em: 4 set. 2024.

ILLMER, Andreas. Tóquio 2020: o movimento que pede a proibição da bandeira imperial do Japão na Olimpíada. BBC News Brasil, 7 jan. 2020. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-51005924> Acesso em: 03 jun. 2024.

KIM, Cheul Hong. Sobre Nós, Korean Cultural Center. 9 jun. 2023. Disponível em: <https://brazil.korean-culture.org/pt/6/contents/289> Acesso em: 29 jun. 2024.

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. Dorama. Nova Palavra, 2023. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/dorama> Acesso em: 12 ago. 2024.

PERDIGÃO, Letícia. Coreanos reprovam inclusão da palavra "dorama" na língua portuguesa. Metrôpoles, 1 set. 2023. Disponível em: <https://www.metropoles.com/entretenimento/coreanos-reprovam-inclusao-da-palavra-dorama-na-lingua-portuguesa> Acesso em: 6 ago. 2024.

FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS - USP. Graduação em Coreano, [s.d.]. Disponível em: <https://letrasorientais.fflch.usp.br/graduacao/coreano>. Acesso em: 28 ago. 2024.

BUSAN INTERNATIONAL FILM FESTIVAL. Página principal, [s.d.]. Disponível em: <https://www.biff.kr/kor/>. Acesso em: 08 ago. 2024.

LUIZA, Ingrid. A diplomacia do K-pop. Superinteressante, 21 jul. 2020. Disponível em: <https://super.abril.com.br/especiais/a-diplomacia-do-k-pop#:~:text=Se%20antes%20o%20pa%C3%ADs%20era,que%20o%20mundo%20consumisse%20Coreia>. Acesso em: 23 jul. 2024.

KOREA.NET. Hallyu: A onda coreana, [s.d.]. Disponível em: <https://www.korea.net/AboutKorea/Culture-and-the-Arts/Hallyu> Acesso em 18 jul. 2024.

SARINGE, Chyenne; MENDONÇA, Jenifer; CONSTÂNCIO, Victor Zampiroli. Como a Coreia do Sul usa seu soft power por meio da sua cultura e economia. 2024. Disponível em:

file:///C:/Users/moreb/Downloads/COMO%20A%20COREIA%20DO%20SUL%20USA%20SEU%20SOFT%20POWER%20POR%20MEIO%20DA%20SUA%20CULTURA%20E%20ECONOMIA.%20(4).pdf Acesso em: 25 maio 2024.

HUER, Jon. Korea's soft power and its global impact. The Korea Times, 22 mar. 2009. Disponível em: https://www.koreatimes.co.kr/www/nation/2024/08/638_41770.html Acesso em: 16 jun. 2024.

GLIONNA, John M. South Korea's 'han': A complex feeling tugs at Koreans, 5 jan. 2011. Disponível em: <https://www.latimes.com/archives/la-xpm-2011-jan-05-la-fg-south-korea-han-20110105-story.html#:~:text=For%20most%20of%20his%20life,concept%20is%20known%20as%20han> Acesso em: 16 jun. 2024.

BRZESKI, Patrick. 'Oldboy' at 20: How Park Chan-wook's Violent Mind-Bender Kickstarted the Korean Wave. 18 nov. 2023. Disponível em: <https://www.hollywoodreporter.com/movies/movie-features/oldboy-at-20-park-chan-wook-film-korean-wave-1235559009/> Acesso em: 15 ago. 2024.

YUAN, Jada. No chicken is safe in the insane Korean occult murder mystery The Wailing. Vulture, 18 mai. 2016. Disponível em: <https://www.vulture.com/2016/05/insane-joys-of-korean-bloodbath-the-wailing.html> Acesso em: 15 ago. 2024.

HOAD, Phil. The Wailing review – Korean horror flick takes fear to the brink of an abyss. The Guardian, 24 nov. 2016. Disponível em: <https://www.theguardian.com/film/2016/nov/24/the-wailing-review-evocation-evil-korean-director-na-hong-jin-rural-horror> Acesso em 15 ago. 2024.

AHN, Soongbum. Cinematic storytelling: Korea at the movies. Korean Office of Cultural Industries Support, jul. 2024. Disponível em: <https://www.kocis.go.kr/eng/webzine/202407/sub01.html> Acesso em 25 jul. 2024

SHIN, Chi-Yun; STRINGER, Julian (orgs.). New Korean Cinema. Nova Iorque: New York University Press, 2005.

SERVIÇO DE CULTURA E INFORMAÇÃO SOBRE A COREIA. Fatos sobre a Coreia. 2015. Copyright © 1973.

CHING, Leot T. S. Shameful bodies, bodily shame: “Comfort women” and anti-Japanism in South Korea. In: CHING, Leot T. S. (org.). Anti-Japan: The politics of sentiment in postcolonial East Asia. Durham: Duke University Press, 2019.

CHESNEAUX, Jean. A Ásia Oriental nos Séculos XIX e XX. São Paulo: Editora Pioneira, 1976.

YELLOW DOOR: Looking for Director Bong’s Unreleased Short Film. Direção de Lee Hyuk-rae. Coreia do Sul: Netflix, 2023. 78 min. Streaming.